

999  
BOLETIM

DO

SINDICATO NACIONAL

DOS

JORNALISTAS



N.º 3/ JULHO, AGOSTO E SETEMBRO/ 1941



# SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS

DIRECTOR: LUIZ TEIXEIRA

Presidente da Comissão Administrativa do S. N. J.

EDITOR: ANTÓNIO TINOCO

## BOLETIM

NÚMERO 3



PROPRIEDADE DO SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT / 62 / 2.º / TEL. 2 2195

---

LISBOA/JULHO-AGOSTO-SETEMBRO/1941

SINDICATO NACIONAL  
DOS JORNALISTAS

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

BOLÉTIM

NÚMERO 3

*PUBLICAÇÃO MENSAL*



PROFESSOR DO SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, RUA GARRETT, 62, 2.º E 3.º ANDAR

LISBOA | JULHO-AGOSTO-SETEMBRO | 1941

# UNIDADE ESPIRITUAL

## O PAPEL DA IMPRENSA NO DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS

**N**O dia 8 de Setembro realizou-se na nossa sede uma sessão solene durante a qual o Sr. Dr. Augusto de Castro, membro da Embaixada especial ao Brasil, presidente do Grémio Nacional da Imprensa Diária e director do *Diário de Notícias* entregou ao presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas a mensagem da Associação Brasileira de Imprensa que a seguir publicamos:

Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1941

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luiz Teixeira*

Dig.<sup>mo</sup> Presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas

Ao regressar a Embaixada Especial — que conviveu na nossa intimidade, repartindo as emoções da alma da mesma raça — a Casa do Jornalista e o seu Presidente saúdam a Imprensa portuguesa. Escolhem para emissário da sua mensagem quem foi o intérprete da vossa voz, revestindo-a da sua autoridade, no seu esplendor verbal,

da fôrça maravilhosa da sua inteligência. Será Augusto de Castro o nosso embaixador, ou melhor, o companheiro comum para falar de nós, como de vós nos falou. Somos os operários da mesma oficina, castigando diàriamente a argila bruta para servi-la modelada ao gôsto do público. Daí a linguagem que só nós compreendemos, na fraternidade do mesmo destino. Cabe-nos ainda a alta missão da universalidade do idioma, que ninguém melhor nem mais constantemente propaga. Somos irmãos de sangue, de espírito e de sacrifício. Havemos de caminhar juntos, na cadência dos anos, mãos unidas, olhando o Atlântico que confunde suas águas aos nossos e aos vossos pensamentos. Augusto de Castro esteve perto de nós e sentimos bem nítida a vossa presença. Estaremos presentes ao vosso lado, pela ressonância das mesmas vibrações.

Ao jornalismo português, aos seus infatigáveis e brilhantes representantes, por intermédio do seu Sindicato de classe, as saudações sinceras e amigas da Associação Brasileira de Imprensa e do

(a) HERBERT MOSES

Lido êste documento pelo nosso camarada Augusto Pinto, o Sr. Dr. Augusto de Castro afirmou depois que, embora tôdas as homenagens e manifestações carinhosas prestadas e feitas no Brasil à Embaixada que representava o Govêrno Português fôsem no fundo e exclusivamente rendidas a tôda a Nação, não poderia deixar de notar que a Imprensa Portuguesa nelas havia sido, pelos jornalistas brasileiros, visada por maneira muito especial, muito calorosa e expressiva. Disse que a mensagem que entregava ao S. N. dos J. era, pelas suas expressões de amizade e mesmo de elevado significado político, passo de grande valor para o entendimento jornalístico luso-brasileiro. Terminou declarando que se sentia honrado e satisfeito por o confiar ao Sindicato Nacional dos Jornalistas.

## O DISCURSO DO PRESIDENTE DO SINDICATO N. DOS JORNALISTAS

O nosso camarada Luiz Teixeira pronunciou depois o seguinte discurso:

Meus senhores:

*Senhor Dr. Augusto de Castro:*

Ao saudá-lo como delegado do Jornalismo brasileiro para êste acto feliz de afectuosa e íntima solidariedade espiritual quero, antes de mais, manifestar em nome do Sindicato Nacional dos Jornalistas a nossa mais viva e sincera homenagem a quem, sob o clarão festivo da histórica semana de Agôsto, foi, no Rio de Janeiro, representante eminente e admirável das altas tradições, da cultura e da classe do jornalismo português. Recordo a memorável sessão que em sua honra se realizou na sede da Associação Brasileira de Imprensa, para afirmar que V. Ex.<sup>a</sup>, no seu notável discurso, acentuou, nessa oportunidade, a importância e o relêvo da função jornalística em conceitos de exactidão absoluta.

Ao comparar o jornal com as outras recém-chegadas fórmulas divulgadoras; ao defini-lo como instrumento poderoso e primacial de infiltração e comunicação, o Sr. Dr. Augusto de Castro foi, mais uma vez, verdadeiro mestre, pela clareza impressionante do seu raciocínio, pela simplicidade rara com que a sua linguagem se compraz em dar às idéias o curso atraente duma leitura sedutora, pela corrente de ar puro que atravessa num arejamento saudável a frescura do seu estilo e a graciosidade da sua elegante e bem pessoal expressão literária.

Como jornalistas temos de agradecer-lhe, primeiro, Sr. Dr. Augusto de Castro, a elevação com que soube colocar o sentido da missão da Imprensa no quadro dos problemas e das agitações do nosso tempo.

Mas a sua presença nesta casa trás-nos ainda outros motivos de júbilo.

A Embaixada especial foi ao Brasil em representação do Govêrno e do País. Levava consigo os votos gerais da Nação.

Não é indiferente para nós, homens da Imprensa, como significado, o facto de terem sido escolhidos na cuidadosa selecção dos seus membros, entre os melhores valores nacionais, três nomes que ennobrecem com o brilho da sua actividade intelectual os fastos magníficos do Jornalismo português contemporâneo — Júlio Dantas, Augusto de Castro e João do Amaral.

Foi, no entanto, V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Dr. Augusto de Castro, quem de maneira precisa, nítida, completa, colocou o sentido do intercâmbio jornalístico luso-brasileiro, perante a consciência ansiosa dos nossos camaradas do país irmão e dos próprios jornalistas portugueses, em têrmos definitivos e na conveniente relação com as excepcionais circunstâncias do momento.

O Sindicato Nacional dos Jornalistas tem no assunto e há muito tempo uma expressiva posição marcada. O desenvolvimento das relações entre os dois Jornalisimos do mesmo idioma tem sido, desde o início da existência dêste Sindicato Nacional, uma das preocupações dominantes dos que o orientam e dirigem. Estamos perfeitamente à vontade, por isso, para repetirmos em concordância com V. Ex.<sup>a</sup> estas palavras que pronunciou na Casa dos jornalistas brasileiros fêz ontem, precisamente, um mês:

«Se queremos realmente dar um sentido e uma projecção à gloriosa tradição de espírito que faz de Portugal e Brasil uma Pátria Histórica comum precisamos, acima de tudo, de conviver, de nos reconhecermos, de transformarmos em expressão, em idéias e em colaboração aquilo que entre os nossos dois povos é instinto de raça, afinidade de inteligência ou de sentimento, reciprocidade de interesses, proximidade de consciência. E só o intercâmbio jornalístico luso-brasileiro, que não existe, pode criar e desenvolver a acção profícua, base dessa grande formação moral atlântica, que o passado nos impõe, o presente nos aconselha e o futuro nos destina. Nós jornalistas brasi-

leiros e portugueses, somos chamados a uma obra de convivência que não denominarei internacional, porque ela excede a significação e o símbolo das fronteiras — obra de familiariedade do espírito, de comunicação de sensibilidade, de intimidade quotidiana, de contacto de opinião de que a Imprensa é o expoente directo, a condição primária e a maior expressão. No dia em que um poderoso intercâmbio jornalístico existir entre nós, teremos criado, entre o Brasil e Portugal, o verdadeiro Tratado de Amizade e Não-Agressão entre a Intelligência Brasileira e Portuguesa, o maior instrumento diplomático que possa servir o futuro e a fraternidade das nossas duas Pátrias».

Representante do Jornalismo português no Rio; caloroso defensor do intercâmbio jornalístico; delegado dos jornalistas do grande país irmão nesta cerimónia; presidente do Grémio Nacional da Imprensa Diária, o Sindicato Nacional dos Jornalistas reconhece que se reünem na personalidade de V. Ex.<sup>a</sup> especiais circunstâncias favoráveis à obra de conjunto a realizar para a conveniente, indispensável, urgente intensificação das relações luso-brasileiras através da vida e da projecção do jornal — «base de todo o convívio humano», no seu justo dizer.

A atitude da Associação Brasileira de Imprensa, enviando-nos a mensagem que acabamos de ouvir ler, deve ser considerada na sua extensão de significado e no seu real interêsse como facto de importância que transcende as intenções de cortezia afectuosa e antes se explica mais exactamente como alto testemunho de firme fraternidade com direito a lugar especial entre as mais positivas demonstrações da efectiva comunhão espiritual dos dois povos.

Recebemos êste documento com a convicção e a certeza de que êle vai ficar como prefácio admirável de alguns belos capítulos da história das relações luso-brasileiras.

Está nas tradições da Associação Brasileira de Imprensa a que preside o espírito brilhante e empreendedor de Herbert Moses e no do Sindicato Nacional dos Jornalistas portugueses o propósito seguro e tantas vezes eloqüentemente manifestado duma aproximação estreita e eficaz, intensa e proveitosa, dos jornalistas de ambos os países. Quem

ler o Acôrdo que estas duas colectividades firmaram no dia 13 de Maio de 1935 — dia dedicado no Brasil à consagração da Imprensa — verificará, no entanto, que nêle se foi muito além do objectivo de assegurar reciprocidade de tratamento, de direitos e benefícios aos seus sócios quando deslocados para o outro país interessado.

As cláusulas quarta e quinta dêsse Convénio são bem claras na intenção superior que as domina.

«*As duas sociedades (Associação Brasileira de Imprensa e Sindicato Nacional dos Jornalistas), diz-se na cláusula quarta, desenvolverão uma propaganda intensa da cultura dos dois países, procurando torná-las conhecidas não sòmente entre os seus associados mas no público por meio de conferências, artigos na Imprensa, traduções de obras literárias, etc.*».

Depois, na cláusula seguinte indica-se assim todo um esplêndido programa de acção: «*Far-se-á entre as duas Associações uma troca constante de informações e notícias para serem publicadas na Imprensa com o fim de tornar conhecida não só a cultura, mas também a vida, os principais acontecimentos, os costumes, as possibilidades económicas e tudo quanto pode servir para estreitar as relações entre os dois países, desfazer mal entendidos ou apreciações erradas, etc.*».

Há, como se vê, neste Acôrdo celebrado há seis anos entre a Associação Brasileira de Imprensa e o Sindicato Nacional dos Jornalistas Portugueses, Acôrdo a que a assinatura do Ministro das Relações Exteriores do Brasil deu função de instrumento diplomático oficial, a vibração de confiança, o sentido de utilidade, o espírito de cooperação que excedem os mandatos normais dêstes organismos representativos dos jornalistas dos dois países, para se fixarem como manifestações admiráveis de boa compreensão e prestante esforço na política de amizade fraterna de Portugal e Brasil.

Um dos primeiros actos da actual Comissão Administrativa dêste Sindicato foi enviar uma mensagem ao ilustre presidente da Associação Brasileira de Imprensa afirmando o nosso decidido empenho de dar execução imediata aos compromissos estabelecidos nas cláusulas a que me referi. A catorze de Junho do corrente ano entregámos ao ilustre director do Secretariado da Propaganda Nacional e nosso pre-

zado camarada Sr. António Ferro um offício sôbre o assunto. Nêle se transcreviam as cláusulas quarta e quinta do nosso Acôrdo com a Associação Brasileira de Imprensa e se propunha a maneira de podermos dar início de realização àquelas importantes disposições do ajustamento mútuo.

Quero ainda citar, no campo das relações amigáveis e íntimas entre a Associação Brasileira de Imprensa e o Sindicato Nacional dos Jornalistas, um acontecimento cuja importância e projecção se torna desnecessário acentuar. Refiro-me ao Primeiro Congresso Luso-Brasileiro de Imprensa.

Foi o grande jornalista brasileiro Paulo Filho quem, em 1940, nos trouxe a primeira palavra de incitamento. O Sindicato Nacional dos Jornalistas aproveitou a passagem no corrente ano do Tricentenário do primeiro jornal português para, estendendo ao Brasil o significado da comemoração dessa data histórica, se nomearem já as comissões de Honra e Executiva que hão-de erguer, na primavera próxima, em Lisboa essa magnífica apoteose de esforços em volta dum vigoroso sentimento de cooperação luso-brasileira. Pedimos a António Ferro que aceitasse a nossa representação para, na sua viagem ao Brasil, promover junto das entidades competentes as diligências necessárias para aquêlê fim. A maneira notável como o director do Secretariado da Propaganda Nacional se dignou propor, no Rio de Janeiro, em nome dêste Sindicato, aquela iniciativa e o entusiasmo e vivo interêsse que a mesma despertou no Brasil, são já tão sobejamente conhecidos que se torna inútil acentuá-los novamente.

Há, porém, ainda um mundo de coisas a fazer para que o intercâmbio jornalístico luso-brasileiro exista em plena pujança de resultados surpreendentes e no benefício total da «Pátria Histórica comum».

A carta de Pero Vaz de Caminha, notabilíssima crónica de «enviado especial» que faz honras de nobreza maior às primícias da boa reportagem portuguesa, espera uma actualização condigna dos jornalistas portugueses no século XX. Será o registo do novo «achamento do Brasil». Entre os dois depoimentos ficará êsse prodígio revelador que foi o nascimento, a formação, a maioria emancipadora do Brasil até à florescência radiosa e triunfante dos dias de hoje quando

Portugal empolgado pela deslumbrante maravilha do seu progresso, do seu nível de cultura, da sua fôrça portentosa de vida, olha emocionado e num enternecimento de orgulho a obra formidável que surgiu da sua fecunda energia criadora.

Por outro lado, há muitas coisas novas nesta velhinha casa lusitana onde todos teremos o maior prazer intelectual e afectivo em viver jornadas felizes de estreita camaradagem na convivência dos nossos companheiros da Imprensa brasileira

Se êste alvoroço do encontro de duas Pátrias se impõe em impulso irreprimível das próprias exigências da raça; se anda no coração do povo de Portugal e do Brasil a ternura palpitante, natural, que dispensa razões de outros interêsses para garantir e consolidar um entendimento completo; se é tão expressiva e espontânea a comunhão dos sentimentos idênticos que nos definem e poderosamente nos ligam; se os vínculos apertados da História nos destinaram irmãos que o mesmo sangue abrasa para a vibração das mesmas aspirações generosas e o mesmo espírito sugere para a visão das mesmas ansiedades superiores da vida, resta o trabalho agradável, fácil, tentador de consolidar num sistema de iniciativas oportunas e concretas o aproveitamento duma fôrça moral existente e propícia aos mais consoladores resultados.

Obra de estadistas e diplomatas? Com certeza, em primeiro lugar.

Mas também e muito directamente, missão dos homens de pensamento e de quantos ao serviço do jornal — «índice e imagem duma cultura», como V. Ex.<sup>a</sup> lhe chamou, transmitem em dois continentes por palavras iguais, na harmonia ideal da mesma linguagem e no ritmo das mesmas reacções sentimentais estados de alma colectivos semelhantes.

## MENSAGEM DO S. N. DOS JORNALISTAS À ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

À mensagem da Associação Brasileira de Imprensa respondeu o Sindicato Nacional dos Jornalistas nos seguintes termos:

Lisboa, 15 de Setembro de 1941

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Herbert Moses*

Dig.<sup>mo</sup> Presidente da Associação Brasileira de Imprensa

Na hora feliz em que as aspirações e os sentimentos comuns das nossas duas pátrias encontram, finalmente, o caminho exacto das realidades admiráveis, a mensagem de Vossa Excelência aos jornalistas portugueses foi entendida por todos nós como alto testemunho de firme, sincera e dedicada fraternidade entre os homens da Imprensa dos dois países. Operários da mesma oficina, irmãos ligados apaixonadamente ao fulgor do mesmo ideal, cabe-nos dum lado e outro do Atlântico, pelo contacto permanente com as multidões, a alta e nobre missão de manter viva e ardente no coração e na consciência dos dois povos o sentido nítido duma solidariedade de raça que encontra a tôda a hora novos motivos de orgulho e mais fortes razões de convicção profunda.

Tudo nos une: desde a comunhão histórica dos nossos destinos ao idioma comum que nos cumpre zelar em expressão definitiva de universalidade gloriosa.

Nada nos separa: o Atlântico abraça, no prolongamento das idades, os sonhos do passado, os anseios magníficos dos tempos que correm, as certezas triunfantes dos grandes dias do porvir para Portugal e Brasil.

Em nome dos jornalistas portugueses, verdadeiramente «irmãos de sangue, de espírito e de sacrifício» dos jornalistas brasileiros, agradeço muito sensibilizado a mensagem de Vossa Excelência que Augusto de Castro nos entregou transmitindo-nos, ao mesmo tempo, em expressões de enternecida admiração, a lembrança do seu convívio com os representantes do jornalismo brasileiro.

A Associação Brasileira de Imprensa, ao jornalismo brasileiro, o Sindicato Nacional dos Jornalistas de Portugal apresenta as mais efusivas e sinceras saudações, às quais junto os protestos da minha estima e os sentimentos da minha elevada consideração para Vossa Excelência.

(a) LUIZ TEIXEIRA

**ANTÓNIO FERRO PROPÕE, NO RIO DE JANEIRO,  
EM NOME DO SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS DE PORTUGAL, A REALIZAÇÃO EM LISBOA,  
NO PRÓXIMO ANO, DO PRIMEIRO CONGRESSO  
LUSO-BRASILEIRO DE IMPRENSA**

Em 30 de Julho o Departamento da Imprensa e Propaganda do Brasil ofereceu no Rio de Janeiro um almoço em honra de António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional. Assistiram muitas das mais altas personalidades da capital do Brasil. Temos muito gosto em arquivar nas páginas dêste *Boletim* os passos essenciais do notável discurso pronunciado nessa oportunidade por aquêlê nosso ilustre camarada:

Perante os ódios, as rivalidades, as paixões que dividem o mundo, nós, povos cristãos de Península e da América do Sul, deveremos continuar unidos e ganhar definitivamente a consciência da nossa fôrça. É que possuímos a mesma alma: o Atlântico. A mesma espada: a Cruz. O mesmo general: Deus.

Somos o Mundo que descobriu o Mundo. E quando me refiro a êsse Mundo, não pretendo marcar a hegemonia de Portugal dentro da unidade Atlântica. Entre o povo descobridor e o povo revelado nenhuma hierarquia se estabelece, nenhuma superioridade se define.

.....  
Para que esta idéia do Mundo Atlântico, novo Mundo, saía do abstracto para o concreto, precisamos todos nós, brasileiros e portugueses, de ter fé em

nós próprios, na nossa unidade espiritual. A Imprensa brasileira e portuguesa pertence um grande papel nesta campanha urgente. Se falamos a mesma língua não é para nos afastarmos, nem sequer para nos interpretarmos, mas nos entendermos completamente, sem reticências nem entrelinhas. A Imprensa brasileira deve ser na América o órgão legítimo dos nossos interesses de ordem espiritual e de ordem material, como a Imprensa portuguesa deve ser, na Europa, o devotado porta-voz de tôdas as legítimas aspirações dos Estados Unidos do Brasil. Mas para se chegar a esta conclusão, a esta perfeita comunidade de interesses, é preciso evitar a todo o custo a publicação ou a reprodução de quaisquer notícias ou de artigos que possam dividir-nos, que nos tornem desconfiados, ainda que acidentalmente, sobre as intenções que nos animam. Cada jornalista brasileiro ou português deve suspender a sua pena antes de escrever a palavra Brasil ou Portugal, num minuto de recolhimento, até ganhar a consciência perfeita da sua habilíssima tarefa, a certeza de que a pedra que vai colocar terá influência na boa ou na má construção da nascente catedral, na fragilidade ou na solidez da sua abóbada. Cada jornalista português ou brasileiro deve instituir desta forma, para uso próprio, no domínio das nossas relações, uma censura interior, cautelosa, que bem depressa se tornará instintiva. É que o Mundo sobrehumano que temos de construir, que vamos construir, só poderá erguer-se, definir-se, se dominarmos as nossas inferioridades, os nossos despeitos, as nossas questões pessoais, as nossas verdades. Mundo que deve sobreelevar-se a tôdas as matérias, que não aumentará certamente a nossa terra, mas que engrandecerá a nossa alma.

Palavras? Simples poesia? Não! Alta finalidade que pode ser reduzida a esta forma simples, objectiva! Portugal, escola do Brasil no Velho Mundo, Brasil, escola de Portugal no Novo Mundo. Através de Portugal, todos os portugueses vos compreenderão melhor porque somos, na verdade, o vosso índice. Através do Brasil todos os restantes americanos aprenderão, sem dúvida, a avaliar, com maior justiça, certas das nossas virtudes ancestrais, já em desuso, mas que continuamos a guardar àvaramente no fundo das nossas velhas arcas. Mais ainda, aperfeiçoando a fórmula: Brasil, sinónimo de Portugal, na Europa; Portugal, sinónimo de Brasil, na América.

Tôdas estas divagações, meus senhores, que podem ainda parecer-nos líricas, retóricas, a enfermar do próprio mal que condenei, podem ser reduzidas a fórmulas práticas, a princípios concretos.

*Para estudarmos, com possível urgência, na parte que respeita à Imprensa dos dois países, tenho a alegria, obedecendo a feliz sugestão do grande jornalista Paulo Filho, a quem agradeço a sua afectuosa saúdação, de vos propor, em nome do Sindicato Nacional dos Jornalistas Portugueses, a realização em Lisboa, em princípios de 1942, do 1.º Congresso Luso-Brasileiro de Imprensa. Mas para não se perder tempo (amanhã pode ser tarde) proponho ainda que se nomeie, desde já, uma comissão permanente de jornalistas portugueses e*

*brasileiros, delegados da A. B. I. e do Sindicato Nacional dos Jornalistas, que estude, sem demora, as teses a apresentar a êsse Congresso e todos aquêles problemas, de realização imediata, que interessem à Imprensa dos dois países.*

O momento é o melhor possível para a realização desta obra que tem as suas ramificações noutros planos e noutras actividades, não só porque principiam a dar frutos as sementes lançadas à terra pelos nossos governos, mas também porque os homens que estão à frente da opinião pública dos dois países se encontram identificados nesta mesma ânsia de criar ao lado de dois países ferozmente independentes, Brasil e Portugal, entre o mar e o céu, a Metrópole Atlântica da Raça.

.....

O terreno — podemos afirmá-lo — está desbravado. Resta-nos construir, prezados camaradas, no próprio caminho que os nossos Governos abriram, a estrada por onde passaremos. Meus senhores! Atravessamos uma época desorientadora, confusa, em que os países só conseguem defender eficazmente as suas fronteiras morais e materiais ou pela fôrça das armas ou pela fôrça da sua alma. A personalidade do individuo ou da nação, quando não se mistura com nenhuma outra, impõe temor, respeito. Os que não se deixam absorver por outras civilizações, os que resistem a tôdas as influências alheias, por mais fortes que sejam, mostram possuir fôrças ocultas, reservas de carácter, que mantêm a distância dos povos conquistadores, receosos de se perderem na alma própria, misteriosa, labiríntica, da nação desconhecida, intimidante e velho solar que não ousam transpor. Ser diferente, na nossa época, é a única forma, portanto, de ser livre. Portugal por exemplo, se se tem imposto ao respeito de todos os beligerantes, é porque se tem mantido isolado, com a sua individualidade inconfundível, acima de tôdas as paixões em frente de Deus e do seu próprio destino. Respeito devido com certeza à originalidade do sistema português, ao indiscutível prestígio do seu chefe político mas, também, à perspectiva do Atlântico, auréola da nossa velha grandeza. Somos desta forma o vosso espelho na Europa e a vossa imagem reflectida, aumenta, sem dúvida, a nossa estatura.

O Brasil, por sua vez, através da sua origem lusitana, é uma grande nação que não se parece com nenhuma outra do continente americano. Ora, nessa profunda diferenciação, meus senhores, está o segrêdo da sua eterna soberania. Quando os povos principiam a abdicar das suas tradições, dos seus usos e costumes, da sua própria história, excessivamente deslumbrados pelas conquistas e progressos materiais de outros povos, começam a perder, sem dar por isso, a sua independência, já não digo territorial, mas espiritual. O Brasil, como Portugal, possui hoje um regime originalíssimo e um grande chefe que chamou sôbre si as atenções do mundo inteiro. Como Portugal, permitam-me que lhes diga — deve obrigar-se, portanto, dentro do seu génio próprio dentro das fronteiras vastas, ondulantes da sua alma oceânica. Brasileiros! Portugueses!

Sejamos diferentes de todos, guardemos o recorte físico e moral que a natureza e a história nos deram, não desperdicemos a herança dos nossos antepassados e seremos ainda nós que guardaremos os moldes, as sementes da inevitável recriação do mundo cristão, único mundo possível.

É êsse, brasileiros e portugueses, é o nosso grande traço de união. Diferentes na Europa e na América somos iguais no mundo. Quando chamarem pelo Brasil, no continente europeu, nós, portugueses, deveremos responder com orgulho: Presentes. Quando chamarem por nós, no continente americano, vós deveis soltar com alegria o mesmo grito!... E desta forma, diferentes mas iguais, sem nunca sairmos de nós próprios, estaremos sempre, brasileiros e portugueses, em tôda a parte, no Velho e no Novo Mundo, no mar, no céu, em Deus.

## ACÔRDO CULTURAL LUSO-BRASILEIRO

No dia 4 de Setembro último foi assinado no Palácio Catete, perante o Presidente Getúlio Vargas, por António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional, e pelo Dr. Lourival Fontes, director do Departamento de Imprensa e Propaganda do Brasil, um *Acôrdo Cultural Luso-Brasileiro*. Documento notabilíssimo, o primeiro e por enquanto único no Mundo, no seu género, a clareza e a extensão do programa de realizações que nêle se contém dispensa esclarecimentos ou comentários, tão evidente é a sua poderosa utilidade no estreitamento das relações espirituais e de amizade entre os dois países.

O Sindicato Nacional dos Jornalistas afirma o seu maior entusiasmo pela realização dêste importante acontecimento e, publicando na íntegra o texto do Acôrdo no seu *Boletim*, manifesta, desde já, o melhor espírito de colaboração no desenvolvimento da obra de unidade espiritual em curso entre Portugal e o Brasil:

«A-fim-de promover íntima colaboração cultural entre o Brasil e Portugal, por intermédio dos organismos oficiais aos quais incumbe nos dois países a orientação dos serviços de propaganda, o Director do Secretariado da Propaganda Nacional de Portugal (S. P. N.) e o Director do Departamento de Imprensa e Propaganda do Brasil (D. I. P.), para tanto devidamente autorizados pelos seus Governos, estabelecem o acôrdo seguinte:

## ARTIGO 1.º

É criada na sede do S. P. N. uma secção especial brasileira, da qual fará parte, a título permanente, um delegado do D. I. P. e, recìprocamente, na sede do D. I. P., uma secção especial portuguesa do qual fará parte um delegado do S. P. N.

A estas secções incumbe, de maneira geral, assegurar, e promover, pelos meios ao seu alcance, tudo o que possa concorrer para tornar conhecida, respectivamente, no Brasil e em Portugal, a cultura dos dois países.

## ARTIGO 2.º

Para os efeitos do artigo anterior as duas secções criadas por êste acôrdo promoverão especialmente:

a) O intercâmbio e a publicação de artigos inéditos de escritores e jornalistas brasileiros e portugueses na Imprensa dos dois países;

b) O intercâmbio de fotografias e o estabelecimento dum serviço regular mútuo de informação telegráfica relativa ao Brasil e a Portugal;

c) O envio ao Brasil e a Portugal de conferentes, escritores e jornalistas que mantenham vivo o contacto cultural entre as duas nações;

d) A colaboração recíproca em favor de uma orientação comum quanto a noticiário a ser divulgado acêrca do Brasil e de Portugal;

e) A criação duma revista mensal denominada «Atlântico», mantida pelos dois organismos, com a colaboração de escritores e de jornalistas portugueses e brasileiros;

f) A troca de publicações de turismo e de propaganda, cabendo ao S. P. N. a divulgação, em Portugal, das publicações brasileiras e ao D. I. P. a divulgação, no Brasil, das publicações portuguesas;

g) A divulgação do livro português no Brasil e do livro brasileiro em Portugal;

h) A realização de emissões directas de rádio concernente aos fins dêste acôrdo, bem como a permuta de programas radiofónicos;

i) A criação dum prémio pecuniário anual atribuído conjuntamente, pelos dois organismos, ao melhor trabalho literário, artístico, histórico ou científico, publicado em Portugal ou no Brasil, de interêsse comum;

j) A realização e permuta de exposições de arte nacional e o intercâmbio de artistas brasileiros e portugueses isoladamente ou em grupo;

k) A troca de actualidades cinematográficas, a exibição destas nos cinemas do Brasil e de Portugal, e o estudo da eventual realização de filmes de grandes metragens, de interêsse histórico ou cultural para os dois países, mediante a colaboração de artistas e de técnicos brasileiros e portugueses;

l) A fixação de facilidades ao turismo luso-brasileiro por intermédio das companhias de navegação brasileiras e portuguesas pela redução nos preços das passagens, abatimentos especiais nos hotéis, deminuição nos preços de transportes ferroviários e outras facilidades semelhantes;

m) O estudo do folclore luso-brasileiro através de publicações editadas pelos dois organismos e da realização de festas populares e tradicionais comuns aos dois países.

### ARTIGO 3.º

Êste acôrdo entrará em vigor na data da sua assinatura, devendo, em 31 de Dezembro de 1941, encontrar-se completamente organizados e em normal funcionamento os serviços e as actividades nêle previstos».



# A CRÓNICA INTERNACIONAL

A guerra veio pôr em voga, na imprensa portuguesa, a crónica internacional. Por esta expressão deve entender-se o resumo dos acontecimentos, de ordem política e de ordem militar, organizado em termos de ser rapidamente apreendido pelo público. Quando da última conflagração o nosso jornalismo profissional ofereceu exemplos magníficos das suas possibilidades, em artigos de doutrina e de reportagem destinados a esclarecer a opinião e a orientá-la na apreciação dos factos e dos homens que, nessa altura, monopolizavam a «vedeta» dos jornais diários. Não se criou nessa época, nem agora, a especialização traduzida, com autoridade e interêsse, em revistas ou publicações de índole mais repousada e de conseqüências mais profundas.

Desta vez são ainda os profissionais da imprensa que, por entre a dispersão inevitável da sua função, assumiram o encargo de relatar e apreciar os episódios confusos da vida internacional, acompanhando, passo a passo, o noticiário telegráfico, vasto e contraditório, para o sintetizar e para o oferecer à curiosidade do público.

É justo reconhecer que, de maneira geral, o têm sabido fazer com

uma isenção, um aprumo e uma boa vontade que compensam sobejamente as deficiências de informação ou os deslises de interpretação que porventura tenham suscitado no seu caminho.

O leitor do jornal aprecia mais a profecia ousada do que a análise serena e documentada. A previsão de casos sensacionais a ocorrer interessa-o, de preferência, às explicações fundamentadas do passado que, na maioria dos casos, são as premissas indispensáveis para delinear o futuro. O horror sagrado dos vaticínios, mesmo quando estes afluem generosamente aos bicos da pena, é a primeira condição a que o jornalista aspira para desempenhar com honestidade a sua missão. A sedução dos paralelos históricos, levados até às últimas consequências, constitui outro elemento que tradicionalmente perturba a visão clara das coisas. Valéry condena a história que considera um atoleiro capaz de desnortear a apreciação dos espíritos mais esclarecidos; Maurras extrai dela a seiva dialéctica que ilumina a sua doutrinação e o seu apostolado temporal.

Dizer que a campanha de 1812 serve de paradigma para enquadrar a acção que os exércitos alemães desenvolvem na Rússia é tão errado como desprezar inteiramente a lição napoleónica com a desculpa de que os tempos são outros e outros os métodos de penetração militar. Na arte da guerra, como na arte da política, há factores imutáveis, e outros que são estreitamente determinados por motivos e atitudes de ordem pessoal imprevisíveis. Os acontecimentos que, em todos os tempos, decidiram da marcha da humanidade, suportam a aplicação duma condicional. Se em vez de se passarem assim, se tivessem passado de maneira diferente, as consequências seriam diversas. Os motivos de ordem pessoal, imprevisíveis, tornam falíveis as profecias e obrigam às maiores cautelas os que deixam tentar-se pelas suas facilidades.

As viagens e um conjunto de relações asseguradas em meios bem informados constituem auxiliares preciosos para quem se vê, por dever de ofício, obrigado a tratar a matéria internacional. São recursos de que os nossos profissionais de imprensa só raramente podem lançar mão. No jornalismo português a viagem tem sido exclusivamente utilizada para fins de reportagem, quasi sempre brilhante. Durante os meses agitados que precederam a eclosão da guerra, e já no decurso

desta, os nossos jornais arquivaram páginas valiosas dos seus redactores, colhidas muitas vezes em circunstâncias particularmente difíceis. Como instrumento de informação não tem sido, porém, utilizada com a necessária largueza.

O mesmo deve dizer-se em relação às fontes de esclarecimento e de noticiário tão usadas em outros países. Este recurso é, em muitos casos, função de circunstancias particulares e transitórias. Os jornalistas da Europa e da América têm ultimamente recorrido, em grande número, à cidade de Ankara que se tornou um centro nevrálgico de actividade diplomática. As embaixadas e as legações dos diversos países na capital turca transformaram-se em manancial de revelações preciosas que o telégrafo e o telefone se apressam a transmitir. Em compensação, centros predominantes na actividade política internacional, como Paris e Viena, para não falar de Genebra, emmudeceram, há longo tempo arrastados no turbilhão dos acontecimentos.

Alguns dos mais importantes cotidianos mundiais, especialmente os ingleses e americanos, e as publicações periódicas da especialidade, deslocaram os seus correspondentes de lugares tradicionalmente aprazíveis para outros que ainda há pouco eram considerados desérticos sob o ponto de vista profissional. Os nossos jornalistas também se vêem obrigados a prescindir desse recurso.

O serviço telegráfico, a leitura da imprensa estrangeira e uma cultura, tanto quanto possível aprofundada, constituem as suas fontes. Estas são utilizados em larga escala mas não compensam o convívio, que praticamente não existe e a deslocação estudada, que efectivamente se não faz. Com a tarefa de joeirar as notícias telegráficas, auscultando o seu conteúdo e tomando em conta a sua origem, cabe-lhes a tarefa mais árdua, de se libertar de paixões e de preconceitos, procurando descobrir a verdade no meio das versões contraditórias ou interessadas que, de todos os lados, caem sobre a sua mesa. É difícil afirmar em que medida exacta o jornalismo se deixa influenciar pela opinião feita à sua volta ou exerce, em relação a esta, uma influência apreciável.

Nos períodos agitados como aquêle que atravessamos as duas realidades chegam a confundir-se. A consciência profissional e o sentido moral da actividade jornalística traduzem-se então, praticamente,

por um esforço de auto-limitação que deve abranger o âmbito das idéias tanto como o panorama das palavras. Sem abdicar das suas convicções profundas e das suas idéias inabaláveis, o jornalista serve, simultaneamente, o seu ofício e o seu país quando se não deixa contagiar pelo espectáculo dos excessos desencadeados e das fórmulas improvisadas para o serviço das facções que se degladiam. A compostura na expressão e a serenidade na análise são inseparáveis do trato consciencioso dos problemas que, neste momento, dividem e tornam inconciliáveis os grupos em que a humanidade se dividiu. Escolher entre os postulados que se afrontam é uma razão de independência. Só quem sabe escolher, com fundamento, afirma a sua capacidade para criticar e para orientar. Essa escolha nada tem com a imparcialidade que se impõe nos juízos e com a moderação que se exige à sua expressão escrita.

A Suíça viu recentemente tratado o problema da sua neutralidade política no plano da actividade jornalística. Os representantes diplomáticos e as autoridades federais, que debateram essa questão delicada com os representantes de outras potências, reivindicaram, com uma dignidade insuperável, a independência dos seus jornalistas como um dos títulos que mais nobremente testemunhavam a posição internacional escolhida e aclamada pela nação. Os jornalistas desse pequeno grande país souberam dar à sua representação política e diplomática, com o exemplo diário do equilíbrio e da dignidade profissional, as razões que fizeram triunfar a argumentação suíça da dialéctica dos seus opositores. Nas circunstâncias actuais os nossos jornalistas, encarregados da missão delicada de afirmar a sua independência e a sua compreensão dos factos, têm sabido fazê-lo com uma correcção que desafia as comparações mais exigentes. As suas inclinações pessoais, compreensíveis e justificadas, ainda os não impediram de manter uma linha de firmeza e de imparcialidade que ficará como o seu título mais legítimo de honradês profissional.

Debatendo-se na maré alta da prova documental divulgada como irrefutável, nenhum pôs de parte o princípio que Louvois exprimiu ao governador de Estrasburgo, Montelar, ao saber que um correio do imperador, vindo de Espanha, devia parar naquela cidade: «Sua

Majestade julga da maior importância, na presente conjuntura, que esse correio seja assaltado para nós vermos a correspondência de que é portador». Como o correio de Louvois, o jornalista português não ignora a origem e a essência das provas que tantas vezes lhe fornecem. A delicadeza com que sabe tratá-las não exclue a sua convicção íntima e o seu conceito definitivo. E são estes que, em última análise, êle procura exprimir e transmitir aos seus leitores.

A resenha dos acontecimentos políticos, feita diàriamente em crónica, e o relato dos acontecimentos militares, mais espaçado por sua natureza e exigências, têm sido as modalidades jornalísticas que a guerra veio pôr em voga, sob a designação genérica de crónica internacional. Sem ter, para corresponder às suas exigências, um quadro de técnicos ou de especializados, a nossa imprensa procura corresponder à ansiedade do público e à rapidez vertiginosa dos acontecimentos com o seu tributo apreciável de dedicação e de boa vontade.

Se juntarmos a estas características, a isenção e a dignidade de que a sua produção se tem revestido, não nos encontraremos em posição muito arriscada quando se fizer o balanço das culpas e das responsabilidades que é, na maioria dos casos, o prémio atribuído ao jornalista pelo seu esforço e pelas suas canseiras.

CARLOS FERRÃO



# PRÉMIO «SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS»

**P**ARA comemorar o III Centenário da publicação do primeiro periódico português, o Sindicato Nacional dos Jornalistas institue um prémio pecuniário que será adjudicado de acôrdo com as seguintes bases de concurso:

## BASE I

*É criado o PRÉMIO «SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS» na importância de dois mil escudos, destinado a recompensar o melhor trabalho literário sôbre o Jornalismo português — sua missão e projecção — publicado em qualquer jornal ou revista que tenha a sua sede no território nacional do Continente, Ilhas Adjacentes ou províncias ultramarinas.*

## BASE II

*O concurso é aberto a todos os cidadãos portugueses.*

## BASE III

*São admitidos ao concurso todos os artigos publicados entre 1 de Outubro de 1941 a 30 de Junho de 1942.*

#### BASE IV

*Os pedidos de admissão ao concurso devem ser entregues com sete exemplares do jornal ou revista onde tenha sido publicado o trabalho do concorrente, até o dia 15 de Julho de 1942, na sede do Sindicato Nacional dos Jornalistas.*

#### BASE V

*O júri será constituído por um representante da Academia das Ciências de Lisboa; um representante do Instituto para a Alta Cultura; um representante do Secretariado da Propaganda Nacional; pelo Snr. Dr. Alfredo da Cunha e o presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas. Este último, que presidirá, terá somente voto de desempate.*

#### BASE VI

*O trabalho premiado será publicado no Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas.*

#### BASE VII

*O júri reserva-se o direito de não conferir o prémio no caso dos artigos ou ensaios apresentados ao concurso não servirem a idéia pretendida ou não possuírem a necessária categoria literária.*

#### BASE VIII

*Este regulamento será publicado no Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas e está patente a todos os interessados na sede sindical.*

# O JORNAL

## É A BASE DE TODO O CONVÍVIO HUMANO

*No dia 7 de Agosto realizou-se na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, uma sessão solene em honra do Sr. Dr. Augusto de Castro que se encontrava no país irmão como membro da Embaixada especial portuguesa.*

*Do notável discurso pronunciado naquela oportunidade pelo ilustre jornalista português extraímos os seguintes passos:*

○ S povos, como os homens, instruem-se, entendem-se através dos livros, dos museus, das universidades, da literatura, do cinema, da «rádio», da política e da economia, das relações culturais e de interêsses — mas é pelo jornal e no jornal que conversam. Por mais familiar que seja, por mais íntimo que se torne, o livro é sempre uma visita. Só se recebe quando estamos a isso dispostos — e à hora que nós fixamos. O cinema, como a conferência, como o museu são visitas que nós fazemos. Têm hora marcada e o seu ambiente próprio. Todos os outros instrumentos de comunicação humana constituem, para os povos, como para os homens de hoje, uma convivência, mais ou menos extensa, mais ou menos freqüente, segundo as afinidades

colectivas e as curiosidades pessoais — mas sempre *gente de fora*, que faz parte dos nossos hábitos, que nós podemos evitar ou procurar conforme a nossa vontade, que exerce sôbre nós uma influênciã, maior ou menor, mas que, em geral, nós próprios regulamos.

O jornal, êsse, é mais do que o visitante ou o amigo. É o companheiro doméstico, que se instala tirânicamente, logo que se abre a janela do quarto ou se fecha a porta do escritório — e que se estende ao nosso lado para recommençar, cada dia, a contar-nos uma nova história — que é, afinal, sempre a mesma história, porque é a vida que se renova e se repete. No fim de contas, é nêle que confiamos. Pode a «rádio» dar-nos uma notícia. Sem que o jornal no-la confirme, a notícia fica nos domínios da informação, não entra na realidade. O homem civilizado do nosso tempo tem necessidade da verdade — ou da mentira — *visual*.

A notícia *ouvida* só tem a sua carta de crédito quando se transforma em notícia *lida*. Se o prudente S. Tomé fôsse vivo não diria hoje, como aconselhou no seu tempo: «ver para crer» — mas proclamaria a fórmula moderna que é o nosso Evangelho de jornalistas: «ler o jornal para crer».

O jornal é, de facto, a base de todo o convívio humano. Tôdas as outras formas de cooperação espiritual coincidem com êle, mas nenhuma o dispensa. A prova é que nem a expansão prodigiosa do cinema, que explora as suas actualidades, nem a concorrência da «rádio» exerceram a mínima influênciã sôbre as grandes tiragens e sôbre a força de proselitismo e a vida industrial da Imprensa. A notícia, a reportagem, a prelecção ràdiodifundidas são jornalismo ou literatura engarrafados. Faltam-lhes as vitaminas da letra impressa e fresca.

Nenhuma força da infiltração e de comunicação mais forte do que o jornal — que é, no fundo, o índice e a imagem duma cultura.

.....

É preciso que, através dos jornais, os valores brasileiros se naturalizem portugueses; que os valores portugueses encontrem no Brasil o seu horizonte familiar e quotidiano. Pensemos, um segundo, na imensa projecção que, pelo contacto e pela posse de dois Mundos, dominados pela mesma língua, o Brasil e Portugal podem assegurar

a essa vocação e a essa capacidade de universalidade que são a própria essência da nossa glória. Alargaremos o espaço ideal que há quatro séculos nos une, fomentaremos um mercado prometedor de melhores perspectivas materiais; criaremos recíprocamente um entreposto europeu para a projecção mental brasileira e um entreposto americano para o espírito português.

Houve um tempo em que os escritores portugueses eram colaboradores assíduos da Imprensa brasileira. Foi o tempo de Pinheiro Chagas, de Eça, de Ramalho, que, pelo facto de serem cidadãos da literatura brasileira, nunca deixaram de ser grandes escritores portugueses. Houve um tempo em que, através duma camaradagem íntima, os escritores brasileiros não precisavam de passaporte para livremente circularem na Imprensa portuguesa. Foi nos jornais portugueses que eu conheci Coelho Neto e Bilac.

Essa tradição perdeu-se a pouco e pouco. Ficaram alguns contactos, cada vez mais reduzidos. Julgo indispensável renovar numa estreita vizinhança essa intimidade, realizando, primeiro, o Congresso Luso-Brasileiro da Imprensa, que é uma excelente idéia, e, em seguida, celebrando o Grande Acôrdo Jornalístico que favoreça o desenvolvimento duma aproximação espiritual, que, longe de prejudicar, só pode fomentar a originalidade e a projecção das duas autonomias, criadoras e culturais, da forte inteligência brasileira e da inteligência portuguesa no Mundo.



# CRÍTICOS DE TEATRO E CRITICADOS DE OUTROS TEMPOS

**N**ÃO perde o seu tempo quem folheia jornais antigos. Eles são tôda a história dum passado morto, por vezes a história de ontem, já hoje esquecida, que não é mau de vez em quando relembrar.

Os jornais de caricaturas do genial Rafael Bordalo, por exemplo, são a história política, social e artística de meio século, ou talvez mais, da vida portuguesa. São também — e isso é o que mais interessa — a história do período áureo do nosso teatro.

Preparando *in illo tempore* uma edição da obra completa dêsse outro grande jornalista que foi Ramalho Ortigão, de que chegaram a publicar-se alguns volumes, e do mesmo passo um estudo cuidado sôbre «Rafael Bordalo e o Teatro», que por falta de editor jaz esquecido no fundo de uma gaveta e com o qual o autor destas linhas não pretendia ingressar na lista dos Amigos do Museu do genial caricaturista — se bem que merecesse dela não ter sido ingratamente repudiado — encontrei num velho número do *Diário de Notícias* (N.º 1.508, de 19 de Janeiro de 1870) uma interessante carta de Ramalho, dirigida a Isidoro Sabino Ferreira, carta a que o artista se apressou a responder, muito digna de registrar-se como um modelo de crítica e de humorismo, que bem poderia servir de exemplo de edu-

cação, estima e respeito mútuo a alguns críticos e a muitos actores de hoje.

A pesada tampa do sepulcro cerrou-se já sôbre estas duas curiosas figuras das letras e do tablado.

Eu permito-me soerguê-la um pouco com a reedição das suas cartas, em homenagem piedosa ao seu talento e ao seu carácter, em que o leitor de-certo comigo comungará.

Reza assim a carta do fundibulário das *Farpas*, tão pouco pródigo de elogios:

*Meu querido Artista:*

*Acabo de escutar com o maior prazer a primeira representação da «Pecadora e mãe». É, em meu entender, o melhor drama de Ernesto Biester, um belo estudo do coração humano, escrito com grande relêvo de estilo e de sentimento.*

*O terceiro acto, vértice da acção, vibra as cordas mais delicadas do entusiasmo e arranca alguns sons da eterna lira da maternidade e do amor.*

*O desenlace tem o raro mérito de calcar as predilecções do vulgo, sacrificando o aplauso da turba à beleza moral, fito de todos os escritores desinteressados e honestos.*

*No desempenho uma só cousa me desagradou. Refiro-me ao marmeleiro, dupla insígnia de regedor e de magister, que se me patenteou nas suas mãos. Eu vivi muito no campo e sou das pessoas mais entendidas na fisiologia dos varapaus. Em tôdas as aldeias se distinguem quatro marmeleiros capitais: o do administrador, o do regedor, o do boticário e o do mestre-escola. Cada um dêles tem o seu tipo, a sua individualidade, o seu cunho moral.*

*Diz-me o marmeleiro que usas, dir-te-ei as manhas que tens.*

*Ora o seu marmeleiro desta noite, desargolado e torto, fêz-me o efeito da cousa mais aviltante e refere a que pode lançar a mão um homem que é ao mesmo tempo regedor e mestre-escola, representando portanto simultâneamente no seio de uma paróquia a instrução e a ordem.*

*Um marmeleiro empenado, na dextra de um preceptor, é um agouro muitíssimo triste para a infância estudiosa. Um cerquinho torto, no punho de um regedor, inculca a tendência manifesta do espírito da autoridade para a parte do arrocho.*

*Há varapaus que são o vilipêndio da moral, o escárneo da lei e a irrisão da sabedoria. Paus tortos, freguesia relaxa.*

*Visite-me as terras morigeradas, aí verá os marmeleiros selectos, lustrosos, direitinhos, estonados, corados, argolados e polidos por mão cuidadosa e sábia.*

*Eu trouxe um cajado de cada uma das digressões que fiz a pé nas encantadoras aldeias da minha província natal. Cada um dêles representa hoje para mim uma data querida. Remeto-lhe aquêle que mais em harmonia me parece estar com a personalidade do seu papel. Se não fôr esta a sua opinião, considere-o simplesmente como o testemunho da minha simpatia e do meu affecto. Chame-lhe, se quiser, um varapau de crítica, mas confesse que em todo o caso sempre é melhor isso do que uma crítica de varapau.*

*Perfeitamente seu*

*Ramalho Ortigão*

*16 de Janeiro de 1871.*

Não se fêz demorar a resposta a esta espirituosa carta.

Logo a 19 do mesmo mês, reproduzida no jornal de 21, Isidoro agradecia o presente e os sensatos conselhos do crítico nos seguintes termos:

*Ex.<sup>mo</sup> Snr.*

*Extremamente penhorado com a lembrança que lhe mereci, o que mais uma vez prova o seu espírito profundamente observador, cumpre-me justificar, em parte, a falta de varapau apropriado aos dois respeitáveis misteres que exerce a personagem que eu em cena represento. Justiça direita e verdadeiro ensino à mocidade estão para o varapau de todo o ponto alindado que de V. Ex.<sup>a</sup> acabo de receber,*

como justiça de moiro e ensino «a fortiori» estão para o cajado grosseiro e torto que até agora levava e que V. Ex.<sup>a</sup> tão acertadamente reprovou, o que vem corroborar o ditado, provérbio, ou como melhor deva chamar, contido na carta e que reza assim: — «Diz-me o mar-meleiro que usas, dir-te-ei as manhas que tens».

Todavia, de hoje em diante, servir-me-ei, para êste caso e outros idênticos, do seu bonito varapau, que se outro valor não tivesse era-lhe de incontestável valor o ter dado lugar à espirituosíssima carta que de V. Ex.<sup>a</sup> recebi, «fruto» êste que de-certo fará inveja à sua progenitora, por mais farta dêles que seja.

Aceito, pois, o seu presente como varapau de crítica, que ficando na minha mão pau de actor, o que preferiria, creio, o actor de pau.

Sou com tôda a consideração, de V. Ex.<sup>a</sup> venerador e obrigado

*Isidoro Sabino Ferreira*

Êste Isidoro, como Taborda, como António Pedro e tantos outros que foram grandes na cena, era um artista inculto, como o atesta um livro das suas *Memórias* escrito com tão pouca gramática como muita sinceridade, que Francisco Palha benèvolamente prefaciou.

O que leva a crer que a alguém pedisse para lhe redigir a resposta ao autor ilustre da *Holanda*, acrescentando-lhe de lavra própria aqueles dois últimos períodos incompreensíveis e bastante côxos de pontuação e... do resto.

OLDEMIRO CÉSAR

# TRADIÇÕES

## DO JORNALISMO PORTUENSE

○ jornalismo portuense tem, por assim dizer, a mesma idade do jornalismo lisboeta. O mais velho jornal de Lisboa conta, apenas, mais um par de anos de existência do que o mais velho jornal do Pôrto. Prova isto que, neste género de cultura literária ministrado, quotidianamente, ao grande público, as duas maiores metrópoles nacionais têm marchado quasi *pari passu*. Cabe, porém, à capital a honra de ter dado a Portugal a primeira, direi, mesmo, as primeiras publicações da especialidade.

Ao assunto, que já me mereceu abundante prosa oral e escrita, não posso nem quero consagrar, de momento, mais do que breves e insignificantes referências. E estas, fugindo ao âmbito vasto da generalidade, incidirão, exclusivamente, sobre o jornalismo portuense, cujas tradições são, na realidade, multímodas.

Durante muitos anos, o jornalismo foi, no Pôrto, feudo de políticos ou comerciantes. Os interesses partidários, defendidos, aliás, com beleza e grandeza, por penas eminentes da política nacional, sobrelevaram, normalmente, os interesses económicos. E foi, talvez, o jornalismo económico — não pretendo, de modo algum, quebrar lanças por esta tese — o que determinou a criação do jornalismo noticioso que, em nossos dias, domina. Aconteceu isto, por exemplo, com *O Comércio do Pôrto*, fundado e dirigido por homens do comércio

para propaganda e defesa dos legítimos interesses da praça do Pôrto. Foi mais tarde que, sob a direcção dum intellectual, Bento Carqueja, o mais antigo quotidiano portuense, sem renegar a tradição, enveredou, ousadamente, pelo noticiário, até se tornar o grande jornal de informação e opinião que hoje é.

Nas tradições do jornalismo portuense estão, pois, a economia e a política. As letras, porém, tiveram sempre lugar de honra nos jornais da capital do Norte, ao contrário do que possam supor aqueles que do jornalismo actual conhecem, apenas, o aspecto utilitário, não sabendo ou não querendo saber que os jornais portuenses — talvez por lhes sobrar mais o espaço — concedem às coisas do espírito, interesse e atenção muito louváveis. Alguns dos mais categorizados nomes da literatura portuguesa do nosso tempo (só deploro que a poesia continue banida dos grandes quotidianos, onde poderia, com vantagens para as belas letras, ocupar um cantinho literário, como ocupou, há anos, na antiga edição da tarde de *O Comércio do Pôrto*, na página literária de *O Primeiro de Janeiro*, no *Jornal de Notícias* dominical e no extinto vespertino *A Montanha*) firmam prosa nos três jornais do Pôrto, conferindo a estes uma categoria literária a que o público não pode nem deve ficar indiferente.

Para me ocupar, suficientemente, das tradições literárias do jornalismo portuense, que abarcam, por assim dizer, os maiores nomes das letras portuguesas do século pretérito, não me bastaria, por certo, todo o espaço dêste boletim sindical. Na verdade, carregaria interessantes subsídios para a história do jornalismo português — e, nomeadamente, do jornalismo portuense — quem se abalançasse a rememorar a obra original de tantos escritores — que no livro grangearam reputação nacional e, até, estrangeira — que teve efémera vida nas colunas de jornais que se publicaram ou publicam na segunda cidade de Portugal. Figuras da estatura de Camilo, Júlio Deniz, Sampaio (Bruno), Carolina Michaëlis, Junqueiro, Rodrigues de Freitas, de tantos outros que na Imprensa portuense tirocinaram para o amanhã das letras ou acumularam pedras para o templo da sua nomeada intellectual, conferiram aos jornais do Pôrto, aos que existiram ou existem, tradição literária que, de certo modo, se mantém.

Como, em meu entender, jornal que o fogo literário, por brando e bruxoleante que seja, não aqueça e ilumine, é jornal com cuja leitura não vale a pena perder tempo, tenho por tão úteis como interessantes todos aqueles que às letras *literárias*, e não apenas *jornalísticas*, consagram espaço e relêvo. Em tempos, como os de hoje, em que o noticiário e o comentário das calamidades do mundo perturbam e, até, angustiam todo e qualquer leitor sensível, por copioso e minucioso que é, afigura-se-me mais preciso do que nunca aliviar a prosa das gazetas respectiva aos desvarios e caprichos sangrentos dos homens e das nações com a companhia amável daquilo que se possa ler sem frémitos de horror e sem pensamentos ou sentimentos de pânico. Sei bem, por quotidiana experiência própria, que é o próprio leitor que reclama, às vezes, tal qual o morfinómano, notícias tóxicas — permito-me chamar-lhes assim — em quantidade bastante para lhe manterem a tensão de nervos e a excitação de espírito. Reajamos, porém, já que nos cumpre conduzir a «opinião pública» e não ser conduzido por ela, contra os vícios a que nos habituamos e habituamos os leitores dos «nossos» jornais.

E, contra tanto veneno de factos e opiniões, preparemos ou diligenciemos preparar o antídoto rigorosamente literário que, longe de amedrontar o leitor, o convença de que a vida e o mundo não estão condicionados apenas aos «comunicados oficiais do Grande Quartel General...» e de que há ainda sol bastante para nos aquecer a alma enregelada por tantas dores colectivas. Graças a Deus, dentro da tradição que respeita e observa, o jornalismo portuense esforça-se por cumprir, até certo ponto, essa humanitária missão...

HUGO ROCHA



# JOURNALISMO DESPORTIVO

○ jornalismo desportivo exerce uma função de particular importância para o país

Tem detractores, que o consideram fútil, sentencioso, de certo modo exagerado e literariamente pobre.

Concita contra si aquêlê pequeno horror que habitualmente se experimenta em face de coisas que se desconhecem e cujo alcance por isso mesmo se não está em condições de apreciar com justiça e quando se não quere, ao menos, ser generoso. Isto é: possui detractores sem razão. Indiferentes também tem, mas estes admitem-se, como em tudo...

Ainda assim conta perto de cinqüenta anos. Neste século não houve ainda um mês sequer que faltasse a comunicar com o público.

E tem leitura: os melhores jornais da especialidade tiram bem e os próprios diários não podem escusar-se aos grandes acontecimentos, alguns dos quais interessam verdadeiramente de Norte a Sul.

Prosa procurada — acredite-se. Nos diários para a notícia curta e para se convir que a edição está completa; nos jornais da especialidade para o comentário, a opinião ou o relato, que se lêem sempre com entusiasmo e não raras vezes com ansiedade.

Acusa dois senões principais: da profissão para o leitor — os jornalistas estarem muito perto das agremiações; do leitor para a profissão — a paixão desmedida dos adeptos.

Tais senões, todavia, devem ter-se por inevitáveis. São claríssimos reflexos da pobreza do meio.

É que o desporto, em boa verdade, mantém-se precário; para o tempo que êle se faz em Portugal não se chegou ainda realmente ao máximo possível e a razão está em que desde sempre tem predominado o esforço particular e êsse mesmo refreado. Êsse esforço não dispensa a ajuda do especializado e os especializados são tão poucos que quasi só dentro da camada do jornalismo se encontram. Dado o pouco saber geral e a aversão ao estudo atento que prevalece nos dirigentes, as indicações puramente técnicas têm de ser pedidas ao jornalista. Antigos praticantes, bons ou maus, os jornalistas desportivos acompanham o seu período de praticantes com a cabeça, a pensar; estudam depois mais profundamente e acabam por especializar-se, na maior parte das vezes para virem a saber mais do seu desporto preferido do que sabiam quando o praticavam. Daí a vontade de ensinar que se apodera dêles. Ora o jornalista quando praticou pertenceu a um clube; um clube bem encarado é uma família e por mais que uma pessoa se afaste da família o sangue não muda... De modo que o jornalista que mais se abstrai da família, embora a não deixe, é o que consegue ser mais jornalista. Dêste caso, temos felizmente excelentes exemplos.

A paixão dos adeptos, que formam naturalmente a grande massa leitora dos assuntos desportivos, deriva por seu lado de factores que não estão apenas adstritos aos que se interessam pelo desporto. É a conhecida sinceridade dos apaixonados, naturalissimamente anuviada e cega; a falta de cultura, em tantos sectores apontada; e, também, a falsa posição dos que se extasiam a ver o que só parcialmente lhes interessa. Desde logo, como disse António Ferro em tempos, a imparcialidade da crítica fica dependente da parcialidade de quem lê... Esta paixão, que chega até a criar incidentes perigosos, a negar o próprio desporto, também se aquieta, infantilmente, se aparece a ameaça de se lhe tirar a autêntica descarga de nervos e de sentimentos que, no fundo, é a própria paixão. De resto, o desporto à inglêsa, como os

inglês o concebem, não pode ser ainda — e não o será por muito tempo — compreendido por meridionais...

Estes senões têm, no entanto, compensações.

Em primeiro lugar porque, fundamentalmente, o idealismo do jornalista desportivo que o sabe ser não é absorvido, e isso sucede a um número razoável de jornalistas da especialidade, pela necessidade de agradar ao clube ou ao burgo. E a prova está em que tudo que a bem dizer se encontra feito na matéria se pode realmente atribuir à acção do jornalismo desportivo, pois êste tem sabido manter o indispensável espírito construtivo através da sua tríplice missão de doutrina, de crítica e de propaganda. O esforço particular recebeu dêle os primeiros impulsos, vem encontrando nos seus encómios o único prémio moral do trabalho realizado — e já não saberá passar sem a estreita colaboração dos seus ensinamentos e reparos.

Outra compensação consiste na real existência de uma crítica desportiva, que, embora possivelmente moderada na repressão dos actos negativistas do desporto que infelizmente se dão com frequência nos campos, é perseverante, insistente, instrutiva e portanto criadora, além de que goza de independência suficiente para fazer opinião certa, forçar ao acto, expandir a idéia, criar personalidade e firmar o propósito em vista — ser, enfim, util, positiva, necessária.

Se nos perguntassem se o jornalismo desportivo pode estar contente com o fruto da semente que vem lançando há quasi cinquenta anos, responderíamos negativamente.

O perfeito sentido do desporto são, daquele que não admite desvios, assim como a noção do autêntico desportivismo, na única acepção que o termo possui, que é o da lealdade, da admiração mútua, da noção do respeito pelo adversário e pelo dirigente — dois pilares duma obra grandiosa como é a do desporto — estão a adulterar-se nos últimos tempos.

A mudança de sentimentos duma parte importante de praticantes e de agremiações atingiu, realmente, o desporto de maneira assustadora — adjectivo próprio, em despeito da sua vulgaridade.

Esta adulteração e alguns factores mais impediram que se chegasse ao óptimo.

Mas o próprio jornalismo desportivo o reconhece.

Por isso, no momento que passa, a rectificação dessa tortuosidade é o que mais o preocupa. Urge, de facto, compensar o tempo perdido neste último período — que se estabeleceu por bem e que afinal não correspondeu; pensou-se valorizar a feição técnica das modalidades e conseguiu-se, mas o intento foi alcançado em detrimento de qualidades que não podem permanecer à parte do desporto.

É êsse o trabalho agora a fazer.

Mas seja como fôr, o jornalismo desportivo, embora com detractores, prossegue bem na sua missão, a impulsionar uma fôrça de que o país muito precisa — ou não seja a mocidade o mais sólido recurso normal das nações.

RICARDO ORNELLAS

# O SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS E A IMPRENSA AÇOREANA

**P**OR ocasião da visita oficial do Senhor Presidente da República aos Açôres, o Sindicato Nacional dos Jornalistas enviou à Imprensa do Arquipélago, por intermédio do nosso camarada Dutra Faria, a seguinte mensagem de saüdação:

*O SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS envia aos jornalistas da Imprensa Açoreana que com muito brilho e elevado sentido mantém o fulgor duma nobre tradição de profundo amor da Pátria, as mais sinceras e efusivas saüdações. Honramo-nos com o facto desta mensagem ser publicada nas colunas do AÇOREANO ORIENTAL — o mais antigo de todos os jornais portugueses — no momento histórico em que Sua Excelência o Presidente da República, Senhor General António Óscar de Fragoso Carmona, visita oficialmente o Arquipélago dos Açôres.*

*Associamo-nos assim ao júbilo dos nossos camaradas da Imprensa Insular por tão grandiosa jornada nacional.*

*Lisboa, 20 de Julho de 1941.*

*O Presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas*

*LUIZ TEIXEIRA*

Publicado em todos os jornais do Arquipélago, o *Açoreano Oriental* de 26 de Julho (n.º 5.491, Ano 107) dedicou ao referido documento o seguinte comentário sob o título «Solidariedade Jornalística»:

*Aproveitando a importantíssima e luzida visita Presidencial às nossas lindas e bem portuguesas Ilhas, quis a bondade dos Jornalistas continentais, através do seu Sindicato e por mão do muito ilustre colega Dutra Faria, dar a altíssima honra ao Açoreano Oriental de preferir as suas centenárias colunas para endereçar à Imprensa Açoreana uma cativante mensagem de saüdação. Arquivando-a, pois, altamente sensibilizado nesta modesta edição comemorativa da 1.ª visita do Sr. Presidente da República aos Açôres, o Decano da Imprensa nacional tem a certeza de interpretar com fidelidade o justo sentimento da Imprensa Açoreana dirigindo por seu turno ao Sindicato dos Jornalistas Portugueses os mais expressivos agradecimentos e retribuindo, ao mesmo tempo, a penhorante saüdação, certo de que através desta estreita solidariedade espiritual entre portugueses, algo de benèficamente elevado resultará a bem da nossa querida e abençoada Pátria.*

# AS COMEMORAÇÕES DO TRI-CENTENÁRIO DO PRIMEIRO PERIÓDICO PORTUGUÊS



*Diário de Lisboa* de 6 de Julho do corrente ano publicou a seguinte entrevista com o presidente da Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas:

*Passa em Novembro próximo o tri-centenário da «Gazeta» chamada vulgarmente «da Restauração». Num ensaio notável, com o qual estão de acôrdo outros ilustres investigadores e publicistas, o Sr. Dr. Alfredo da Cunha demonstrou que cabem a essa fôlha as honras de ser considerada o primeiro periódico português.*

*Passará despercebida essa data, que deve ser cara ao espírito de todos os jornalistas? Podemos afirmar que não, pois trabalha-se para comemorar com brilho o tri-centenário dêsse glorioso avô da Imprensa portuguesa, numa colaboração de esforços cujas bases começaram já a lançar-se.*

*No princípio de Maio, o Grupo «Amigos de Lisboa» dirigiu-se ao Sindicato Nacional dos Jornalistas lembrando êsse facto histórico e oferecendo espontâneamente a sua valiosa colaboração nas comemorações que o Sindicato desejasse promover.*

*Que resolução tomou, a êsse respeito, o Sindicato?*

## MELHORIA DAS CONDIÇÕES MORAIS E MATERIAIS DOS TRABA- LHADORES DA IMPRENSA PORTUGUESA

*É o presidente da Direcção, o nosso distinto camarada Sr. Luiz Teixeira, ao qual todos os profissionais da Imprensa devem estar gratos pelos esforços despendidos para elevar a profissão ao nível moral e material a que tem direito, que nos vai responder:*

*— A Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas resolveu imediatamente contribuir com o mais vivo interesse e o maior entusiasmo para a realização dos actos comemorativos a estabelecer no programa que fôr elaborado para aquêlé fim.*

*— E que reflexo terá essa comemoração na classe?*

*— O Sindicato Nacional dos Jornalistas, que representa legalmente todos os jornalistas portugueses, procurará, em colaboração com o Grémio Nacional da Imprensa Diária e com o Govêrno, que aquêlé acontecimento seja assinalado com as iniciativas julgadas necessárias para conseguir a melhoria das condições morais e materiais dos trabalhadores da Imprensa portuguesa.*

## O SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS E AS COMEMO- RAÇÕES DO TRI-CENTENÁRIO DO PRIMEIRO PERIÓDICO PORTUGUÊS

*— E além das reivindicações puramente de interesse para os profissionais do jornalismo?*

*— Resolvemos, desde já, incluir no respectivo programa a inauguração do Curso de Cultura e Formação Jornalística, empreendimento que encontrou nos Srs. Ministro e Subsecretário de Estado da Educa-*

ção Nacional o mais vivo interêsse e decidido apoio para o tornar dentro de semanas uma esplendida realidade. Publicaremos uma edição fac-similada da «Gazeta» de Novembro de 1641 e vamos solicitar do Sr. coronel Costa Veiga, ilustre director da Biblioteca Nacional, que êste estabelecimento organize nas suas salas uma exposição retrospectiva da Imprensa portuguesa. Vamos, além disso, dirigir-nos ao Grupo «Amigos de Lisboa» e à Câmara Municipal, pedindo que reünam os seus esforços no sentido de se realizar nas salas do Palácio Galveias uma exposição da obra literária dos jornalistas portugueses que exerceram ou exercem a sua actividade no periodismo da capital durante o século XIX e até à actualidade. Procuraremos também reünir os elementos de colaboração necessários para que possa fazer-se uma exposição — possivelmente no salão da Rua Barata Salgueiro — de reportagem gráfica seleccionada no nosso jornalismo desde 1800 aos nossos dias.

— Já começaram os trabalhos de organização das comemorações?

— Aguardamos que se constitua a comissão encarregada das referidas comemorações para fixar, de acôrdo com ela, a maneira definitiva de realizar as iniciativas indicadas.

## O PRÉMIO «SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS»

— Tem encontrado bom espírito de colaboração para as iniciativas do Sindicato?

— Já lhe falei do interêsse do Ministério da Educação Nacional em oficializar o nosso Curso de Cultura e Formação Jornalística e do Grupo dos «Amigos de Lisboa», com o qual estamos ligados por estreitos laços de entendimento e simpatia, em aceitar importante parte dos esforços a desenvolver para as comemorações resultarem dignas do alto acontecimento a que se referem.

«Posso também informar que a comissão administrativa resolveu instituir o Prémio «Sindicato Nacional dos Jornalistas» para atribuir,

de acôrdo com o regulamento que vai ser publicado brevemente e por um júri a designar, ao autor do melhor livro, artigo ou ensaio que fôr publicado sôbre o jornalismo nacional. O prêmio será de dois contos e o Subsecretariado das Corporações e Previdência Social, onde o sr. dr. Trigo de Negreiros tem demonstrado sempre a mais nítida compreensão dos nossos problemas, a Academia das Ciências de Lisboa e o Secretariado da Propaganda Nacional asseguraram-nos já a sua valiosa contribuição para o êxito daquela iniciativa.

## O BOLETIM MENSAL

— O Boletim mensal?

— Numa classe tão reduzida como a nossa a publicação do Boletim mensal constitue um expressivo índice de boas vontades e dedicações. É para mim muito agradável ter oportunidade de manifestar públicamente a sincera gratidão dos jornalistas pela importante parte que a Companhia do Papel do Prado muito gentilmente tomou a seu cargo para tornar possível a realização dêsse empreendimento. Em Novembro esperamos fazer sair um número do Boletim comemorativo do tricentenário da «Gazeta».

## RELAÇÕES COM A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

— Relações com a Associação Brasileira de Imprensa?

— O nosso Sindicato atribue a maior importância ao acôrdo que celebrámos com a Associação Brasileira de Imprensa. Consideramo-lo instrumento muito util não só para os jornalistas dos dois países mas também para a necessária intensificação das relações luso-brasileiras. Ainda recentemente o sr. Herbert Moses, ilustre presidente daquela associação, em resposta a uma mensagem que lhe dirigi, acentuava

que aquêlê documento é «dominado pelo espírito de solidariedade da classe vinculada por uma tradição que se entrelaça nos séculos e se prende pela história, pela língua e pela raça».

Estamos a trabalhar agora activamente no sentido de dar efectivação por diferentes formas ao disposto nos números 4.º e 5.º do referido acôrdo, que obrigam as duas colectividades a desenvolver intensa propaganda da cultura dos dois países, procurando torná-la conhecida não só entre os associados mas também do público.

## A SITUAÇÃO DOS JORNALISTAS PORTUGUESES OCUPADOS NA IMPRENSA BRASILEIRA

— Não se torna extensivo ao Brasil o significado do tricentenário da «Gazeta»?

— O jornalismo brasileiro, de tão nobres tradições, enraíza a sua história, como o nosso, naquela mesma origem remota que vamos comemorar. Trata-se de festejar mais um centenário do primeiro jornal publicado em língua portuguesa. Por isso me dirigi ao presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que é um grande amigo do nosso país, solicitando a influência do seu prestígio pessoal no sentido de se conseguir que tão festivo acontecimento seja convenientemente assinalado no Brasil.

«Os jornalistas estrangeiros que exercem a profissão na Imprensa do Brasil estão abrangidos pelas disposições da lei n.º 1.262, de Maio de 1939, que lhes concedeu um registo provisório válido por dois anos, registo que terminava em 1 de Maio passado para os interessados que não tivessem até então promovido a sua naturalização. A pedido do nosso camarada Ildefonso Leitão, residente no Rio de Janeiro, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa fêz junto do Presidente Getúlio Vargas as diligências necessárias para uma boa solução do caso dos jornalistas portugueses abrangidos pelos efeitos da referida lei. O Presidente da República Brasileira manifestou, mais uma vez,

*a sua grande simpatia pelos portugueses publicando um decreto que prorroga por mais um ano o citado registo provisório. Embora gentilissima e penhorante, esta atitude do Presidente Getúlio Vargas não resolve definitivamente o problema dos jornalistas portugueses occupados nos periódicos da nação irmã. Eles continuam sujeitos à obrigatoriedade de naturalização até 1 de Maio do próximo ano. A solicitação do Sindicato Nacional dos Jornalistas junto da Associação Brasileira de Imprensa foi agora feita no sentido de se conseguir, a-propósito das comemorações do tricentenário da «Gazeta», a adopção para os jornalistas portugueses que trabalham na Imprensa brasileira do mesmo tratamento e facilidades totais que Portugal concede aos jornalistas brasileiros aqui fixados e em actividade nos nossos jornais.*

#### O CONGRESSO LUSO- -BRASILEIRO DE IMPRENSA

— *O Congresso Luso-Brasileiro de Imprensa?*

— *Foi, como sabe, o illustre jornalista brasileiro Paulo Filho quem nos trouxe em 1940 a primeira palavra de incitamento para a realização dêsse empreendimento, de tão profunda projecção nas relações culturais luso-brasileiras. O nosso camarada de jornalismo António Ferro aceitou a representação do Sindicato Nacional dos Jornalistas para, na sua próxima viagem ao Brasil, tratar exclusivamente dêsse assunto. Esperamos que fiquem designadas êste ano as comissões de honra e executiva que hão-de começar já os seus trabalhos para que o alvitre de Paulo Filho se transforme em utilissima e admirável realidade.*

# REGISTO

## HOMEM CRISTO, FILHO

Evocado por REINALDO FERREIRA

Do II volume das Obras Completas do Repórter X, «Cemitério da Glória e da Saúde» (1929), transcrevemos a crónica que Reinaldo Ferreira dedicou à morte de Homem Cristo, filho.

O Boletim do S. N. dos J. junta assim na mesma homenagem a memória de dois grandes jornalistas portugueses do século XX, audaciosos conquistadores de horizontes, ambos já, efectivamente, recolhidos na sombra do «cemitério da glória e da saúde»

MORREU, estupidamente, na Itália, o jornalista português Homem Cristo, filho. Um desastre de automóvel — ao que parece. Um gesto agressivo e raivoso do Destino a desembaraçar-se de alguém que o entontecia, há muito anos, com as suas negações — por vezes geniais e sempre inteligentes.

Portugal perdeu, desde ontem, um dos mais valiosos elementos da nossa propaganda no estrangeiro. É que Homem Cristo, filho, com os seus defeitos e com as suas qualidades, representava Portugal — como poucos, até hoje, o souberam fazer. O seu próprio e inverosímil êxito pessoal em Paris era, por si só, um reclame permanente a Portugal. Êle podia, nos acrobatismos e nos contorcionismos que o levaram ao triunfo — ter para nós, que o queríamos ver, do lado de cá, como quem assiste, de dentro do palco, a uma *feerie* teatral de cenários lantejoulados de pedrarias — e avessos remendados — fraquezas que não correspondiam à fantasia: mas a verdade é que êle

só exhibia, fora de Portugal, num esforço que espanta, o seu extraordinário talento diplomático de simpatia e de correcção.

Homem Cristo era um *dandy*, um *gentleman*, uma figura de Paris, não igual a muitas, mas ao nível do melhor e impondo-se por um carácter inconfundível. Cuidava-se com a meticulosidade de quem tem a certeza de que a capa do livro é condição essencial para a venda dêsse livro; que o hábito faz quasi sempre o monge. Ninguém o via sem um traje impecável, sem o rosto escanhoado até à derme, sem os cabelos amassados e reluzentes, num penteado que os metalizava. Magro, duma magreza elegante, alto — dir-se-ia que tôdas as manhãs um ferro especial o engomava, vestido, todo inteiro, da cabeça às botas. Feio, com os músculos faciais numa contínua contracção; os dentes cerrados e os lábios entreabertos, surdia dêle como que um fluido de energia que o impunha, que o destacava, que dominava os espíritos mais fortes — os espíritos melhor preparados para antipatizarem com êle...

Não é fácil comprimir dentro de uma crónica essa curta existência de quarenta anos. Basta que a notícia fatal nos toque ao de leve, para logo faïscar da nossa memória um filme de longa metragem pleno de aventuras, de pitorescos, de anedotas, de atitudes, de episódios curiosos e até inverosímeis.

Foi estimado e odiado. Elogiaram-lhe virtudes que nunca quis possuir — e acusaram-no de faltas que nunca cometeu. E como êle se afamara pela energia e rapidez com que respondia a todos os que o atacavam — não houve uma pena suficientemente calma que traçasse com justeza e justiça o seu perfil... Só agora, que a morte o enjaula, é que devem cortar os espaços, contra a sua memória, tôdas as azagaias envenenadas dos seus inimigos impotentes e todos os incensos dos seus admiradores que calavam a sua admiração, acobardados pelos «outros», pelo dogma estabelecido de não admirar Homem Cristo, no que Homem Cristo possuía verdadeiramente de admirável...

Êle próprio confessava, humoristicamente, os pequenos segredos do seu indiscutível êxito; e uma tarde, António Ferro, que o escutava a uma mesa do «Tavares», disse-lhe:

— Porque não conta você tudo isso num livro de «Memórias»? Era a forma de amordaçar os que pintam de côres sinistras o seu bom humor e a sua ciência prática de viver — e de, ao mesmo tempo, conquistar muitos admiradores... Veja o exemplo de Eduardo de Zamaes — nos «Años de Miseria y Risa»...

Mas Homem Cristo hesitava. No fundo, dentro da sua hábil prosápia de *grand-seigneur*, por dentro da sua vitória internacional — havia um tímido, artificializado numa fôrça de vontade de aço.

Homem Cristo era um trabalhador. Homem Cristo tinha uma existência pautada, serena, metódica como qualquer banqueiro ou político atarefado. Raramente aparecia num *cabaret*; raramente o seu perfil magro e ossudo e o seu monóculo propositadamente provocante, surgia, à noite, pelos *boulevards*...

Não faltava aos encontros do *Tout-Paris* — aos banquetes, às *avant-premières*, às *soirées* parisienses de aliteratados, nalgum palácio de St. Germain ou nalgum *Palace* dos Campos Elísios... Mas terminado o protocolo — tomava, à pressa, o *taxi*, recolhia-se antes da uma hora — e logo na manhã seguinte, às seis, lá estava nas mãos do barbeiro, mastigando à pressa o pequeno almôço, perscrutando os jornais, à busca de uma linha que lhe pudesse ser proveitosa...

Todo o seu esforço era dirigido à manutenção da aparência, para o equilíbrio da situação social que êle conquistara e que era, talvez, a sua única ambição fraca. Fazia uma vida nitidamente cosmopolita; lidava de perto com as *élites* intelectuais, com as da política e com as de sangue... Comia nos grandes *restaurants*... Viajava como um príncipe... Cumpria a romagem das águas e das praias, no verão... Todos o conheciam... — «*Ob! Monsieur Cristo c'est un homme charmant...*». Quem é que não conhecia «*Monsieur Cristo*»? Jogava influências! Atribuía-lhe uma obra literária superior à realidade! Discutiam-no. Gostavam de Portugal por causa dêle... E isto, meus amigos, dum português conquistar Paris e a Europa como êle conquistou, só pode deixar indiferente quem não conhece Paris nem a Europa... Que houve muito charlatanismo na sua batalha da vida? Talvez... Mas quem o disser que se faça tão charlatão como êle e que veja se é capaz de conseguir um terço do que êle conseguia.



Homem Cristo podia, se quisesse, ter deixado, tanto no jornalismo como na literatura, um nome real muito superior ao que deixa. Era vivo, rápido; possuidor de uma inteligência oportuna e quási sempre brilhante. Tinha o «jeito», o feitio — valorizados por um bom gôsto invulgar.

Não quis. Em vez de escrever a vida — preferiu vivê-la. E como não era rico, nem nascera em Paris, nem sob os seus pés se abriam os alçapões da sorte — quis êle próprio projectar-se, num prodígio de habilidade, aos paraísos ambicionados.

Viver a vida tal se desejou, como se planeou, como se sonhou — sem a abdicação de um gôsto, sem a transigência de um detalhe... E tudo isto animado por uns nervos eléctricos, por uma energia de dínamo — e por um espírito essencialmente infantil, optimista, riso-nho, irónico. Muitos dos grandes e horríveis crimes de que o acusam — são apenas *blagues* postas ao serviço das suas ambições...

Começo a ter notícias da vida de Homem Cristo, filho — na sua passagem por Coimbra... Vem logo a primeira proeza: — uma casa de fantasmas — de fantasmas inventados por êle por causa do senhorio e anos depois evocados, muito a sério, por Camilo Flamarión, numa das suas obras teosóficas... Há uma pausa obscura — e surge-nos depois, aos vinte anos, como director da Companhia dessa trágica «feita de arames» — segundo a expressão de Buché — Mimi Aguglia. Uma viagem ao Brasil. Em Lisboa matam D. Carlos e o Príncipe. E na própria tarde em que se recebeu a notícia no Rio de Janeiro, Homem Cristo profere uma conferência para «revelar» os cordéis misteriosos do atentado. Um casão — e o seu regresso a Portugal.

Como quási todos os moços da sua época — êle sentia a dinamite rubra do anarquismo a correr-lhe nas veias. A polícia vigia-o. Fala-se num *complot* contra o rei de Espanha onde Ferrer acabava de ser fuzilado nesse forte sinistro de Montjuich. Abandona pela segunda vez Portugal — corre para França, com uma curta paragem em Madrid. A polícia espanhola tem-no nas fichas com a designação de «anarquista perigoso». Em Paris, no *Quai d'Orsay*, é esperado por

Octávio Mirbeau — o célebre romancista — que estreita, comovido, nos seus braços — o jovem irmão estrangeiro nas ideias revolucionárias.

Começa imediatamente a insinuação subtil mas firme no meio parisiense. Trava relações... Consegue entrar nos jornais. O *Éclair* contrata-o; o seu nome surge em vários *magazines*. É então que planeia uma grande revista, *Cosmopolis*, que deve ser feita em Paris, redigida em português e destinada ao Brasil. Segunda viagem ao Rio. Inauguração do monóculo que o deve estigmatizar; do monóculo que se fôsse conhecido no tempo de Luiz XIII teria sido aplicado à órbita de D'Artagnan. Banquetes — a que assiste o próprio Presidente da República. Volta a Paris — mas o plano fracassa... Intensifica a sua obra jornalística na Imprensa francesa. Escreve no *Intransigent*, no *Journal* e na *Information*... As suas relações parisienses estão tomando uma directriz diferente... Frequenta salões da *vieille-roche*... Adere à monarquia... É baptizado na igreja da Madalena pelo próprio bispo de Paris. Fala-se que os partidários do antigo regime vão confiar-lhe como que uma embaixada na capital da França. Vários marechais do partido têm ocasião de experimentar a sua actividade, a sua inteligência e a sua influência. Uma única hostilidade: a da ex-rainha D. Amélia... Mas Homem Cristo acabará por vencê-la num dos seus mais admiráveis golpes...

O nosso ministro em Itália é entrevistado pelo *Popolo Romano* e aprecia, em termos pouco lisonjeiros a ex-rainha de Portugal. Homem Cristo lê a entrevista e acto contínuo envia dois telegramas: um ao dr. Eusébio Leão e outro ao director do jornal. Desafia-os a ambos para um duelo de morte. Os telegramas são recebidos — mas os destinatários têm a imprudência de se rir do espachim audaz... Mal fizeram... Quinze horas depois desembarcava Homem Cristo em Roma... Procura Eusébio Leão, que recusa bater-se... O director do *Popolo*, escudado na atitude do diplomata, prefere entrar em acordos com o adversário. Publica-lhe na primeira página o retrato, um artigo seu de desafronta à rainha — e compara-o aos nobres e cavalheirescos gentilhomens de outrora, sempre prontos a floretear a espada em defesa da sua dama.

Homem Cristo está definitivamente lançado. A causa monárquica

nomeia-o seu representante em Paris. Pouco depois vem a Lisboa e funda um grande diário que foi uma admirável experiência jornalística: *A Restauração*... Custou uma fortuna — e num motim de rua foi resolvido destruí-lo... O povo devassou-lhe os escritórios numa arrancada furiosa, destroçou móveis e empastelou o tipo.

\*

\* \*

De novo em Paris — não repousa. Funda uma agência de informações jornalísticas — uma miniatura da *Radio* e da *Havas*: a *Agência Fast*. É o encarregado oficial da propaganda de vários países: da Espanha, do Chile, do Peru e da China. Sidónio Pais vence a revolução de 1917 e guinda-se ao poder; e Homem Cristo, «ensandwichado» por dois confrades parisienses, dispara-se a si próprio para Portugal. O presidente está em viagem pelo país. Toma autos, assalta combóios — e consegue sorprendê-lo em Braga. Que pretende? A propaganda do novo governo em França; a legação da Imprensa; a diplomacia da sua influência pessoal ao serviço de Sidónio.

Sidónio hesita — mas Homem Cristo não o deixa muito tempo nas suas vacilações. Jura que está farto dos monárquicos porque não souberam corresponder ao seu esforço. Ao mesmo tempo o seu espírito sofreu uma evolução. Anseia integrar-se no regime... Declara-se republicano. A Imprensa conservadora ataca-o — e êle amordaça-a logo com uma entrevista que me concede — Janeiro de 1918 — para o jornal *A Opinião*: «Que se calem os monárquicos porque de contrário serei obrigado a publicar os documentos que possuo e que são a causa do meu afastamento do partido».

Houve quem dissesse que tais documentos eram fumo de fantasia; mas a verdade é que os jornais realistas não tornaram a atacá-lo...

Em Dezembro de 1918 Sidónio é assassinado — e a missão de Homem Cristo termina. Publica em francês e português um livro curioso — *Les Porte flambeaux*. Tem um capítulo dedicado ao presidente morto — e outro ao marechal Foch, em cuja intimidade e graças a êsse livro, êle entra. Funda na *Rue Royal*, n.º 13 — olhai supersticiosos! — um estabelecimento deveras original: *Chez Fast*. É uma

casa de chá e é também uma livraria; cenáculo de literatos, de artistas e de gulosos cosmopolitas. Consegue atrair um bom público — princesas polacas, exilados russos, *vedettes* de teatro, romancistas e poetas, banqueiros e generais gloriosos.

Mas o azougue que se agita dentro dêle não o deixa repousar sobre os triunfos monetários. Habita agora um palacete de ricoço *yankee* próximo do Parque Monceau. Casa-se e descasa-se três vezes. Vai a Itália, conquista a simpatia de Mussolini e celebra-se por um livro fascista — *Le Batisseur de l'Avenir*. É traduzido em vários idiomas e as edições sucedem-se, ininterruptamente. Colabora com *Madame* Rachilde num livro de contos. Organiza uma *tournee* de cem cossacos autênticos pelos principais hipódromos da Europa. Empata um capital de cinco milhões de francos — e perde dinheiro...

Em 1926 ei-lo de novo em Portugal. Funda mais um diário: *A Informação*. É uma amostra inédita, entre nós, do jornalismo europeu. Luta com dificuldades. As suas atitudes de torpedo humano provocam-lhe a prisão e depois o exílio...

A última vez que o vi foi nos finais de 1926 — em *Chez Fast*. Estava mais magro; a pupila viva, ennegrecia mais ainda a órbita funda e envidraçada pelo monóculo. De polegares acolchetados nas cavas do colete fez-me confidências ligeiras...

— Tudo isto é dourado, meu amigo. Dourado, saboroso. Mas eu estou nos trinta e nove anos — e não tenho vintém. Vivo do dia a dia! Não calcula o esforço que representa manter-me com a linha com que me tenho mantido... O tempo voa — e é preciso, é indispensável que me assente definitivamente na vida. É necessário aproveitar o pouco da energia que me resta para me instalar, para me defender da velhice que em mim deve ser precoce...

E trabalhava, de facto, para essa última vitória — a vitória da calma e do sossêgo. Estava talvez prestes a conquistá-la. A morte levou-o estupidamente. E da sua existência hipertrofiada e cintilante — resta só agora um corpo destroçado e sujo de sangue e os estilhaços do seu monóculo impertinente, símbolo irónico do seu aventureiro espírito...

REINALDO FERREIRA

## /ACÇÃO CULTURAL DA IMPRENSA DIÁRIA/

N<sup>O</sup> n.º 7 de *Livros de Portugal*, boletim do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, foi publicado o seguinte eco:

*Se os acontecimentos desportivos dão ensejo a uma página semanal nos principais órgãos da Imprensa diária, porque se não consagra à literatura igual interêsse? Alegarão as emprêsas que o desporto entusiasma maior multidão do que a vida mental. Mas quem criou essa multidão? Em grande parte a Imprensa, enaltecendo as competições de José Maria Nicolau com o Trindade, as proezas do Pinga e do Paciência, publicando-lhes as biografias, os retratos, entrevistas, etc. De tóda esta propaganda nasceu a massa desportiva que devora as secções jornalísticas de educação física, que mantém vários semanários da especialidade, que escuta entusiasmada os relatos radiofónicos das provas, e que acorre em massa aos estádios.*

*Desde que as secções literárias da imprensa se equiparem às desportivas, é de prever que uma camada de público volte a sua atenção para o movimento literário; passará então a conhecer os autores contemporâneos, a apreciar as suas obras, a criar enfim o gôsto pela leitura, o que equivale a elevar o seu nível moral.*

*Não será lógica esta dedução?*

Transcrevemos êste comentário com o gôsto de aproveitar a oportunidade para prestar justa homenagem aos jornais *Diário de Lisboa* e *República* que durante anos publicaram suplementos literários semanais; *Novidades* e *A Voz* que continuam a oferecer aos seus leitores, respectivamente aos domingos e sextas-feiras, os seus excelentes suplementos, «Letras e Artes» e «Bazar das Letras, das Ciências e das Artes» — exemplos dignos de serem, dentro das possibilidades, seguidos pelos outros órgãos da nossa Imprensa diária. Embora orientado num sentido diferente não queremos deixar de nos referir ao suplemento «Diz-se e pensa-se no Mundo» publicado com regularidade pelo jornal *O Século*.

O Sindicato Nacional dos Jornalistas conhecedor das restrições impostas à utilização de papel pela Imprensa portuguesa mas profundamente interessado no desenvolvimento da acção cultural dos nossos diários, em benefício da melhoria do nível da mentalidade geral, lembra às estações competentes a evidente vantagem de ser concedida autorização para utilizar mais uma página semanal que seria aproveitada pelos diários que quisessem beneficiar da referida concessão, exclusivamente para fins de discussão, crítica e conveniente expansão dos assuntos mais ligados ao movimento literário e artístico.

## / OS NOSSOS MORTOS /

○ jornalista Hermenegildo Nobre de Carvalho, velho trabalhador da Imprensa, faleceu em Lisboa no dia 9 de Agosto.

Contava 67 anos de idade e exerceu a profissão jornalística durante cerca de meio século. Trabalhou nas redacções do *Diário de Notícias*, de *O Século*, da *Pátria*, da *Tarde* e de *O Jornal do Comércio e das Colónias*. Em Fevereiro de 1922 montou na capital a Agência de *O Primeiro de Janeiro* onde prestou serviço durante vinte anos, aproximadamente.

---

Com 77 anos de idade faleceu em Lisboa, no dia 12 de Agosto, o sr. José Aires Pereira de Lemos que dedicou grande parte da sua vida ao jornalismo português.

Em 1895 fundou em Gavião, sua terra natal, o quinzenário *Alto-Alentejo*. Depois de dirigir por algum tempo o semanário *Abrantes* na cidade do mesmo nome, trabalhou em Lisboa no *Repórter*, *Imparcial*, *República Portuguesa*, *O Século*, *Vanguarda*, *Fôlha do Povo*, *Tribuna*, *Diário de Notícias*, etc.

Foi sócio fundador n.º 1 da antiga Associação da Imprensa Portuguesa, em 1899, quando o profissionalismo ensaiava ainda os seus primeiros passos.



# VIDA

---

## SINDICAL

**P**UBLICAMOS no segundo número do *Boletim* o projecto de Contrato Colectivo de Trabalho para os profissionais da Imprensa diária que a Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas entregou ao Senhor Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social no dia 20 de Dezembro de 1940 — nove dias após a sua posse. Inserimos também no mesmo número desta publicação os textos do relatório e do contra-projecto do Grémio Nacional da Imprensa Diária. Estes dois documentos foram comunicados ao S. N. dos J. em 20 de Março por intermédio do Subsecretariado de Estado das Corporações e Previdência Social.

Em 28 do mesmo mês a Comissão Administrativa reuniu-se na sede com o assistente do Instituto Nacional do Trabalho, Senhor Dr. Braz de Medeiros, e jornalistas pertencentes a tôdas as redacções dos jornais diários da capital, a quem deu conhecimento dos termos dos referidos relatório e contra-projecto. Estes documentos foram atentemente comparados com o projecto do S. N. dos J. e sôbre o assunto se manifestaram todos os jornalistas que assistiram à reunião. Como acontecera em Lisboa, os profissionais de Imprensa de todos os diários do Pôrto, reunidos em 31 do mesmo mês para, por intermédio do Sr. Mário de Figueiredo, membro da Comissão Administrativa, tomarem também conhecimento dos aludidos documentos, manifestaram um ponto de vista de absoluta unanimidade perante o importante problema que se discutia.

No dia 18 de Julho, depois de pormenorizados estudos em sucessivas reuniões, a Comissão Administrativa apresentou ao Senhor Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social a sua longa e documentada resposta aos referidos documentos do Grémio Nacional da Imprensa Diária. Terminava por sugerir e solicitar as providências consideradas indispensáveis para, finalmente, ser feita justiça aos profissionais da Imprensa, os quais, por saberem o decisivo e muito especial interêsse que as suas legítimas aspirações encontraram, desde a primeira hora, no Senhor Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social, aguardam confiados que os benefícios da Organização Corporativa abranjam também a sua classe.

Em Junho, ao anunciar o Tricentenário do aparecimento do primeiro jornal português, a Comissão Administrativa acentuou, claramente, na primeira página do número 2 d'êste *Boletim*: «*O Sindicato Nacional dos Jornalistas contribuirá com o mais vivo interêsse e o maior entusiasmo para a realização dos actos comemorativos dêsse facto histórico e procurará, em colaboração com o Grémio Nacional da Imprensa Diária e com o Govêrno da Nação, que êle seja assinado com as INICIATIVAS JULGADAS NECESSÁRIAS PARA CONSEGUIR A MELHORIA DAS CONDIÇÕES MORAIS E MATERIAIS DOS TRABALHADORES DA IMPRENSA PORTUGUESA*».

Em 6 do mês seguinte o presidente do S. N. dos J., em entrevista publicada no *Diário de Lisboa*, colocava também em primeiro lugar a satisfação das nossas reivindicações como facto de importância fundamental nas celebrações comemorativas do Tricentenário da *Gazeta*.

É precisamente durante o próximo mês que se regista a passagem de tão festiva data para o jornalismo nacional.

A Comissão Administrativa do S. N. dos J. tem motivos sérios para se convencer de que não será enganosa a sua expectativa, pois tudo faz prever um bom e justo coroamento dos esforços em que dedicadamente se tem empenhado desde o primeiro dia da sua gerência para conseguir a melhoria possível, desde já, nas condições morais e materiais do exercício da profissão jornalística em Portugal.

## AS CONTAS DO S. N. J.

Publicam-se a seguir os mapas indicativos do movimento de Caixa no Sindicato, no período decorrido entre Junho de 1940 e Junho de 1941, ou seja desde que entrou em vigor o despacho relativo à cotização obrigatória.

Para mais completa elucidação na leitura destes mapas, cumpre-nos referir alguns pormenores sobre as contas:

a) *Utensílios* — A receita de 600\$00 respeita à venda de uma máquina de escrever.

b) *Publicações* — Inclue na receita o valor proveniente da publicidade no *Boletim*; e na despesa o custo dos Estatutos do Sindicato e do 1.º número do *Boletim*.

c) *Despesas Gerais* — Efectuou-se por esta rubrica o pagamento de 200 Carteiras de Identidade do antigo modelo, fardamento do contínuo, transportes, telefone e gastos miúdos.

d) *Contas Correntes* — Por esta conta foi liquidado o empréstimo feito ao Sindicato, na importância de 3.000\$00, a máquina de escrever adquirida em 1940, grande parte da renda da antiga sede e os ordenados em atraso.

### MOVIMENTO DE CAIXA NOS MESES DE JUNHO A DEZEMBRO DE 1940

RECEITAS	DESPESAS
<i>Saldo de Maio p. p.º</i> .. 69\$35	Rendas adiantadas .... 1.500\$00
Cotas ..... 17.959\$50	Expediente ..... 764\$30
Fundo de desemprego . 48\$00	Despesas gerais..... 2.599\$30
Utensílios ..... 600\$00	Utensílios ..... 167\$00
	Fundo de desemprego. 40\$00
	Contas correntes ..... 4.800\$00
	Delegação de Coimbra. 30\$00
	Empregados ..... 7.925\$00
	<i>Saldo para Janeiro de</i>
	<i>1941</i> ..... 851\$25
<u>18.676\$85</u>	<u>18.676\$85</u>
O Guarda-Livros <i>Artur A. Bastos</i>	O Tesoureiro <i>António Tinoco</i>

## MOVIMENTO DE CAIXA NO 1.º SEMESTRE DE 1941

RECEITAS	DESPESAS
<p><i>Saldo do ano anterior.</i>      851\$25</p> <p>Cotas ..... 15.850\$15</p> <p>Fundo de desembrêgo .      78\$60</p> <p>Receitas diversas.....      387\$50</p> <p>Carteiras profissionais.      727\$50</p> <p>Publicações ..... 1.500\$00</p> <hr style="width: 100%;"/> <p style="text-align: right;">19.395\$00</p> <hr style="width: 100%;"/>	<p>Contas correntes..... 4.300\$00</p> <p>Expediente ..... 683\$90</p> <p>Despesas gerais..... 2.203\$85</p> <p>Fundo de desembrêgo.      72\$00</p> <p>Publicações ..... 2.303\$10</p> <p>Carteiras profissionais. 1.269\$50</p> <p>Utensílios ..... 30\$00</p> <p>Candeeiros de electri- cidade ..... 162\$00</p> <p>Empregados ..... 6.193\$00</p> <p><i>Saldo para Julho p. f..</i> 2.177\$65</p> <hr style="width: 100%;"/> <p style="text-align: right;">19.395\$00</p> <hr style="width: 100%;"/>
<p>O Guarda-Livros <i>Artur A. Bastos</i></p>	<p>O Tesoureiro <i>António Tinoco</i></p>

# ESTORIL

COSTA DO SOL / A 23 KMS. DE LISBOA

Comboio eléctrico

Nova estrada marginal

## A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAÍS

### TODOS OS DESPORTOS

Golf, Ténis, Hipismo,  
Natação, Tiro, etc.

### ESTORIL — TERMAS

Estabelecimento Hidro-  
-Mineral e Fisioterápico

### ESTORIL-PALÁCIO-

HOTEL — Luxuoso e  
c o n f o r t á v e l

### TAMARIZ — Magníficas

esplanadas sôbre o mar  
S e r v i ç o d e B a r

### HOTEL DO PARQUE

moderno e elegante

### HOTEL DE ITÁLIA

preços moderados

## C A S I N O

Aberto todo o ano — Cinema — Concertos — Dancing  
— Restaurante — Bars — Roleta — Banca Francesa — Bacará

PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA / ESCOLA DE  
EQUITAÇÃO / SALA DE ARMAS / STAND DE TIRO

Para informações pormenorizadas dirigir-se à:

Sociedade de Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL



**SEGU I C S ...**

**EM TODOS OS RAMOS  
AUTORIZADOS EM PORTUGAL**

**A MUNDIAL**  
O maior organismo segurador português

Sede em Lisboa: Largo do Chiado, 8  
Filial no Pôrto: P. Gomes Fernandes, 10  
AGENTES POR TODO O PAÍS

## **UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA**

S. A. R. L.

SEDE — Rua Duque de Loulé, 240 — PORTO  
— Telefones: 2828 - 2829 - 2830 — Est. 90

DELEGAÇÃO — Rua António Maria Cardoso, 13, 2.º — LISBOA  
— Telefones: 2 7232 - 2 7233 — Est. 365

### **ELECTRICIDADE DO LINDOSO E DAS CENTRAIS DO FREIXO E DA CACHOFARRA**

A União Eléctrica Portuguesa distribue e vende electricidade nos distritos de VIANA DO CASTELO, BRAGA, PORTO, AVEIRO, COIMBRA, VISEU, LEIRIA e SETÚBAL, pela mais extensa rede de alta-tensão em Portugal (mais de 1.200 km.), levando força motriz às FÁBRICAS e luz a CIDADES, VILAS, ALDEIAS e LUGARES

A U. E. P. facilita a electrificação de Fábricas e oferece as maiores vantagens nas suas tarifas

Consultar a U. E. P. e consumir a sua energia é proveitoso negócio



# B.B.C.

*a voz de Londres*

**FALA e o MUNDO ACREDITA**

**Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA**

Hora de verão		Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	G S C	31,32 m. ( 9,58 mc/s)
		G S B	31,55 m. ( 9,51 mc/s)
21,15	Actualidades	G R T	41,96 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 m. (12,04 mc/s) em G R V.

**CRÍAI O HÁBITO DE LER «LONDON CALLING»,  
SEMANÁRIO ILUSTRADO E ÓRGÃO OFICIAL DA B. B. C.**

À venda na Livraria Bertrand

Rua Garrett, 73-75

Ao preço de Esc. 1\$20

## Companhia de Moçambique Território de Manica e Sofala

### **ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA — CAPITAL: BEIRA**

Esta região, com a superfície de 134.000 quilómetros quadrados, é considerada uma das mais férteis do continente africano, destacando-se na sua produção agrícola o milho, o açúcar e o algodão. O porto da Beira, dotado de cais acostável e magnificamente apetrechado, é servido por duas linhas férreas que ligam o território às regiões limítrofes de Oeste e do Norte. A construção da ponte sobre o Zambeze aumentou a zona de influência económica do porto, facilitando as suas comunicações com a Niassalândia.

#### *PARA INFORMAÇÕES :*

##### **Em Lisboa**

Largo da Biblioteca Pública, 10  
(Sede da Companhia)

##### **Na Beira**

Secretaria Geral do Governo  
do Território

## **COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO**

### **CARREIRAS ] REGULARES DE CARGA E PASSAGEIROS PARA AS COLÓNIAS**

**ÁFRICA ORIENTAL, a 30 de cada mês,**

com os paquêtes ANGOLA, LOURENÇO MARQUES, NYASSA e QUANZA.

**ÁFRICA OCIDENTAL, a 6 de cada mês,**

com os vapôres CABO VERDE, CONGO e CUBANGO.

**SERVIÇO COSTEIRO DE MOÇAMBIQUE,**

com os vapôres CHINDE, INHARRIME e LUABO.

**SERVIÇO COSTEIRO DE ANGOLA,**

com o vapôr SAVE.

### **LINHAS EXTRAORDINÁRIAS PARA OS ESTADOS UNIDOS E AMÉRICA DO SUL**

Pedir informações à :

SÉDE EM LISBOA — Rua do Comércio, 85  
SUCURSAL NO PORTO — Rua Infante D. Henrique, 73

# GRÉMIO DOS ARMazenISTAS DE MERCEARIA

Criado por Decreto n.º 30.002, de 26 de Outubro de 1939



Regulamenta o comércio por grosso  
dos seguintes artigos:

**BACALHAU / ARROZ**  
**MASSAS ALIMENTÍCIAS**  
**AÇÚCAR / GRÃO / FEIJÃO**  
**CAFÉ / CACAU / SABÃO**



Sede: Avenida da Liberdade, 166 — LISBOA

Delegação: Rua Infante D. Henrique, 30 — PÔRTO

# HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO

DIRECTORES: Drs. António Baião, Hernani Cidade e Manuel Múrias

EIS UMA OBRA MONUMENTAL QUE HISTORIA  
TÔDA A ACTIVIDADE DA EXPANSÃO  
PORTUGUESA NO MUNDO

Em publicação o 3.º e último volume

À venda nas principais Livrarias do País e na sede da  
EDITORIAL ÁTICA — Rua das Chagas, 25 — LISBOA

## ÁGUA DAS LOMBADAS

Mineral Carbogasosa Natural

DE EFEITOS IMEDIATOS NA DIGESTÃO

SOBERANA PARA A MESA

Recomendada para as doenças do estômago, rins, fígado,  
intestinos, bexiga e diabetes

Paladar agradabilíssimo

Pura, Límpida, Digestiva

À VENDA EM TÔDA A PARTE

# COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

S. A. R. L.

Proprietária das Fábricas do Papel do Prado e Marianaia (Tomar),  
Penedo e Casal Ermio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha)

Premiada em tôdas as Exposições a que tem concorrido :

Medalhas de Ouro : Exposição Universal de Paris de 1900,  
Universal dos Estados Unidos do Brasil de 1908  
e Industrial Portuguesa de 1929

**Execução rápida de papéis em todos os géneros, tendo sempre em  
armazém papéis para tôdas aplicações**

Especialidade em papéis de máquina contínua,  
de escrever, de impressão, manilhas, afiches  
e imitação de «Couché»; Papel de côr para  
capas; Papéis de embrulho; Papel Kraft; Vege-  
tal; Papelão palha; Papéis de máquina redonda,  
almacos, leornes, mezenas, etc. À venda em to-  
dos os estabelecimentos de papelaria e armazéns

Telefones { DIRECÇÃO 2 3623 — Armazém 2 2332  
Escritório 22331 — Do Estado 188

Rua dos Fanqueiros, 270 a 278, -2.º

Escritório e Depósito : SEDE

LISBOA

49, Rua Passos Manuel, 51

PÔRTO

---

○ Papel do Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas  
foi fabricado na Companhia do Papel do Prado

# COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Proprietários: Srs. J. B. de Azevedo e J. B. de Azevedo (Irmãos)  
Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo

Fabrica de Papel de Prado e Azevedo, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo  
Máquinas de Papel, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo  
União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo

União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo  
União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo

União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo

## SABERES E HABILIDADES

União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo  
União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo

União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo

União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo  
União Industrial do Brasil, S. de Azevedo, Prado e Casal (Irmãos), V. de Azevedo, A. de Azevedo e V. de Azevedo

Editorial Ática, Limitada  
Composto e impresso  
na Gráfica Santelmo —  
Rua de S. Bernardo, 84 — Lisboa